Fadas, Duendes, Elementais, Gnomos

EDGAR CAYCE

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

FADAS, DUENDES, ELEMENTAIS, GNOMOS

Uma compilação de Extratos das Leituras de Edgar Cayce

Índice

A. A História Verídica da Infância de "Eddie", por Edgar Cayce
B. “Expandir os Nossos Sentidos: Cayce e a Visão do que É Frequentemente Invisível” 8
C. Cartas de Edgar Cayce
D. Extratos das Leituras
E. Estudos de Caso das Leituras Crianças:
1. Leitura # 1911-1, menina de 7 anos
2. Leitura # 2148-7, menino de 2 anos
3. Leitura # 2547-1, menino de 4 anos
4. Leitura # 5359-1, rapariga de 14 anos Adultos:
5. Leitura # 338-3, mulher de 41 anos 32
6. Leitura # 531-2, 3, homem de 40 anos
7. Leitura # 1265-2, 3, homem de 62 anos
8. Leitura # 294-128, homem de 54 anos (Edgar Cayce) G. Edgar Cayce e a Pequena Anna: Uma História de Amor H. Correspondência entre Edgar Cayce e “Anna” I. “O Duende de Gina” J. Recensão crítica: “Espíritos das Árvores: Contos e Encontros” K. “Os Contos de Fadas Podem Indiciar Poderes Paranormais” L. Arquivos Circulantes e Boletins de Investigação Relacionados*:
9. Avaliar o Talento Psíquico
10. Intuição, Visões e Sonhos
11. Princípios da Ciência Psíquica
12. Capacidades Psíquicas nas Crianças
13. Tipos de Experiências Psíquicas

A HISTÓRIA VERÍDICA DA INFÂNCIA DE "EDDIE"

por Edgar Cayce

29/01/39 Nota de Gladys Davis:

Enquanto o Sr. [1151] e a Sra. [1158] visitavam o Sr. e a Sra. Cayce, Edgar Cayce contou-lhes as experiências de infância que aqui se encontram registadas. Eu tomei notas e dactilografei o texto: A História Verídica da Infância do "Eddie", por Edgar Cayce UMA HISTÓRIA VERÍDICA [da infância de Edgar Cayce, conforme ditada a GD em 1938]

"Vem, Eddie.

Não queres ajudar a tua tia a colher umas ervas para o almoço? Acho que vi uma mostarda-dos-campos linda quando atravessei o campo vindo da casa do Tio Jim, na outra tarde."

Enquanto o rapaz e a sua tia atravessavam o terreno junto ao celeiro, onde muitas coisas invulgares tinham acontecido ao Eddie — ou assim ele pensava —, ele começou a falar-lhe sobre elas.

"Tia, adoro brincar naquele celeiro, divirto-me tanto lá!"

"Divertes? Divertes?", perguntou a tia. "O que é divertir? Ainda não tens idade para saber o que é a diversão, pois não? O que é que o celeiro velho tem de tão divertido?" "Bem", disse o rapaz, "era ali que o Avô costumava guardar o tabaco pelo qual recebia tanto dinheiro.

Ali está a trave velha que eles usavam para prensar o tabaco. É divertido ir para lá e ver o pau a subir e a descer, e ouvir alguém gritar: 'Para cima! Para baixo! Para cima! Para baixo! Para cima! Para baixo!' E há um gaio-azul com um ninho ali; vi-a a construí-lo esta manhã. E já lá está um ovo salpicado. Também vi uma carriça a olhar para a buzina que o Avô usava para chamar os rapazes do campo."

"Mas", disse a tia, "já não prensam tabaco ali há muito tempo! E tenho a certeza de que nunca viste prensar tabaco de qualquer maneira."

"Vi sim!", disse o rapaz.

"Vejo o Avô lá todos os dias quando vou para lá brincar e, além disso, há um monte de rapazinhos e rapariguinhas que vêm lá ter para brincar comigo, e eles conseguem trepar pelo celeiro todo e dizer-me o que está em cada pau do celeiro!"

Eddie, não devias deixar a tua imaginação fugir contigo dessa maneira! Estás apenas a imaginar coisas! Não sabes que é errado inventar histórias?"

"O que é ser errado, Tia? Eu brinco com as crianças, eu sei que sim; e vejo o Avô, e ele fala comigo — como falava com os homens negros que

prensam o tabaco. O que é errado? Eu vejo-os e é uma grande diversão para mim! O que é ser errado? É errado só porque os vejo e digo que os vejo?"

"Se os visses, não haveria problema", disse a tia, "mas eles não estão lá. O teu avô já morreu há seis anos e as pessoas mortas não prensam tabaco. Portanto, dizeres que os vês é errado. Vou ter de falar com a tua mãe sobre isso."

"Oh, mas a Mãe também vê as crianças!", disse o rapaz.

"Ela só não tem estado cá quando o Avô está a prensar tabaco."

"Não acredito! E tu és apenas um menino malcomportado que gosta de imaginar coisas! Vou falar com a tua mãe. Ela não te pode dar trela nestas tolices todas!"

Mas continuaram para o campo, encontraram muita mostarda-dos-campos bonita e colheram um cesto cheio. Ao regressar em direção ao celeiro, a tia voltou a perguntar ao rapaz:

"Porque dizes que é divertido brincar no celeiro velho?"

"Porque", disse o rapaz, "tenho tanta gente com quem brincar lá, e o Avô é muito divertido. Ele conta-me uma série de histórias engraçadas do que aconteceu antes da guerra, durante a guerra e depois."

"Tens a certeza de que é o teu avô?"

"Claro que é o Avô! Já lhe toquei nas barbas do queixo e era assim que eu o distinguia da Avó quando estava escuro."

"És certamente uma criança estranha", disse a tia.

"Vou ter uma conversa com a tua mãe. Isto não pode continuar, senão toda a gente vai achar que ficaste fora de ti. Dá-me arrepios ouvir-te falar assim!"

"Carrie", disse a tia nessa noite, enquanto o rapaz estava lá fora a brincar, "o que é isto que o Eddie diz sobre tu veres crianças a brincar com ele no celeiro? Não há crianças a morar em sítio nenhum aqui perto! É melhor levares essa criança ao médico! Acho que ele está simplesmente louco! Não é normal, de alguma forma!"

"Mas Lou, eu vi as crianças de quem o Eddie fala. Tenho a certeza de que não lhe podem fazer mal."

"De quem são essas crianças?"

"Não sei. parecem muito simpáticas e acho que o Eddie está a ter uma experiência como aquelas de que lemos, mas pensamos que nunca nos podem acontecer a nós. Estou a rezar por isso, Lou, e tenho a certeza de que nenhum mal virá daí."

"Mas e quanto a ele dizer que vê e fala com o Avô? Sabes que isso é completamente impossível e o que dirão os vizinhos se ouvirem falar de toda esta tolice? Precisas de dar uma boa surra a esse rapaz e acabar com todo este negócio de fadas ou seja lá como lhe queiras chamar!"

"Lou, eu não podia dar-lhe uma surra por causa disso! Porque ele tem a certeza de que vê tudo isto e eu própria vi as crianças. Não é apenas imaginação. Não sei o que é, mas simplesmente não posso dar-lhe uma surra por algo assim. Apenas gostava que houvesse uma maneira de o Eddie ir à igreja, estudar a sua Bíblia e aprender do que se trata tudo isto."

"Tolos! Parvoadas!", disse a Lou.

"Não me vais dizer que achas que esta tolice vem de Deus! É mais parecida com o Diabo, se me permites que o diga, e certamente nada de bom pode vir de uma coisa dessas! É melhor levares a criança ao médico. Garanto-te que não quererão nada com ele em igreja nenhuma!"

Mas a tia casou-se nesse verão, foi morar para a parte oriental do Estado e não viu o Eddie durante vários anos. No mês de janeiro seguinte, a mãe do Eddie perguntou-lhe se ele gostaria de ir à Escola Dominical. Por isso, ele começou a ir. A lição era sobre o primeiro capítulo do Génesis, a criação, e o Eddie achou-a muito interessante, aliás, absorvente. Ele pediu ao pai que lhe arranjasse um livro que tivesse a história completa. Poucas semanas depois, a Bíblia foi obtida — um presente de um livreiro a quem o pai contara a história. O Eddie começou a ler e, quanto mais lia, mais seguro ficava de que estes acontecimentos no celeiro eram reais e não uma tolice. No entanto, à medida que os outros o interrogavam, mais ele se tornava um recluso.

Nesse ano, o Eddie e a sua família mudaram-se para uma casa pequena à entrada de uma mata — uma mata com uma grande variedade de vegetação. Havia grandes carvalhos, nogueiras-americanas, carvalhos-brancos, choupos e faias na zona de madeira de construção; avelanheiras, assiminas e muitas outras árvores de fruto e de frutos secos. Eddie travou conhecimento com todas as belas vales e clareiras daquela mata e construiu para si um refúgio num local muito bonito — a quatrocentos metros de casa. Ali ele guardava a sua Bíblia e lia-a todos os dias, lendo e relendo

muitas partes dela. Após alguns meses de estudo, numa tarde, ele teve uma experiência desta natureza. Estivera a ler sobre a visão de Manoé, pois adorava a história de Sansão. De repente, ouviu-se um zumbido lá fora e uma luz brilhante encheu o pequeno local onde Eddie estava sentado. Apareceu uma figura, toda vestida de branco, brilhante como a luz do meio-dia, e falou, dizendo:

"AS TUAS ORAÇÕES FORAM OUVIDAS! O QUE ME PEDES, PARA QUE EU TE POSSA CONCEDER?"

"Apenas para poder ser útil aos outros", respondeu o Eddie, "especialmente às crianças que estão doentes; e para que possa amar o meu próximo." A figura desapareceu. Na escola, no dia seguinte, o Eddie errou as lições como de costume e teve de ficar para escrever a palavra "cabana" quinhentas vezes no quadro-negro. Quando chegou a casa nessa tarde, o pai estava à sua espera.

O Eddie estudou as lições nessa noite, mas parecia incapaz de se concentrar. Por volta das onze horas, teve a primeira experiência de ouvir a voz interior, e ela recordava a voz do visitante da tarde anterior. Dizia: "Dorme, e nós poderemos ajudar-te." O Eddie pediu ao pai que o deixasse dormir cinco minutos. Ele dormiu e, no final desse tempo, sabia todas as palavras daquele livro de ortografia específico.

20/01/81 Nota de GD: Edgar Cayce escreveu a "História Verídica do Eddie" acima, pensando que talvez pudesse vir a ser publicada um dia num livro infantil. Ele tinha nove anos, creio eu, quando isto ocorreu.

Expandir os Nossos Sentidos:

Cayce e a Visão do que É Frequentemente Invisível

O homem consciente Cayce era capaz de ver e perceber além da capacidade humana normal. As suas próprias leituras psíquicas explicaram que estas sensibilidades eram um resultado natural do seu nível de desenvolvimento

espiritual e que todos os seres humanos seriam eventualmente sensíveis o suficiente para ver até mesmo o invisível.

Cayce conseguia ver almas desencarnadas entre os encarnados. Conseguia ouvi-las e falar com elas. Explicou que era como ter um interrutor na cabeça, que ele ligava para ver fantasmas e comunicar com eles. Ele também via auras ao redor dos corpos das pessoas encarnadas. Estas auras emanavam cores e padrões que lhe davam uma perceção sobre a condição mental, emocional e espiritual de uma pessoa, mesmo enquanto esta mudava durante uma conversa. Aqui estão alguns exemplos nas suas leituras:

"A aura, então, é a emanação que surge das próprias influências vibratórias de uma entidade individual mentalmente, espiritualmente — especialmente das forças espirituais." (EC 319-2)

"Encontramos na aura as emanações físicas, mentais e espirituais, que mostram os desenvolvimentos e os atrasos, bem como as capacidades para o seu estudo, classificação e aplicação." (EC 1612-1)

"[Uma] aura é a emanação, ou a influência que está sempre presente num corpo animado, que pode mudar ou alterar-se quanto àquilo que é a influência impulsionadora do mesmo — ou a partir de dentro. A aura muda, com certeza, [de acordo com] o temperamento." (EC 282-4)

"(P) Estou a começar a ver auras? "(R) A começar a ver auras. Assim como a vida, a luz e o amor — com compreensão — se refletem no próprio, assim se podem ver os da mesma reflexão nos outros.

"(P) Qual é o significado dos clarões e formas que vejo frequentemente?

"(R) São os das vibrações mais elevadas do intermédio, bem como forças espirituais a tomarem formas no próprio eu mental ou diante dele." (EC 281-4)

Se Cayce se aproximasse de si, saberia psiquicamente o que tinha estado a fazer e a pensar. A sua secretária de longa data partilhou que às vezes o evitava porque "não era da conta dele". A esposa de Cayce, Gertrude, partilhou uma história sobre os dois a dormirem no segundo andar da sua casa quando alguém bateu à janela do quarto! Edgar soube imediatamente quem era aquele espírito e desceu as escadas para deixar o fantasma entrar.

Explicou que ela precisava de ajuda para encontrar o seu caminho para a vida seguinte, porque tinha morrido recentemente e estava perdida quanto ao que devia fazer e onde devia estar. Ela sabia que o Sr. Cayce saberia,

mas chegou à casa dele depois de ele e a esposa se terem recolhido, por isso bateu simplesmente à janela do quarto em vez de entrar no espaço privado deles.

A ciência diz-nos que há muito mais realidade do que aquela que vemos fisicamente. Os humanos só conseguem ver dentro de uma amplitude muito estreita do espetro eletromagnético (espetro EM). Esta amplitude é inferior a 5% de todo o espetro EM. Veja-se a ilustração.

Os bastonetes e cones no interior da retina humana são terminações nervosas fisicamente sintonizadas para responder a uma amplitude estreita de comprimentos de onda de energia. Quando frequências de energia dentro do espetro da "luz visível" atingem a retina, são criados impulsos eletroquímicos que são transmitidos para a área do cérebro responsável pela visão. É criado um padrão no córtex visual por estes impulsos eletroquímicos que imita o padrão de luz visível que atinge a retina.

A energia fora desta amplitude estreita de luz visível não produz qualquer resposta dos bastonetes e cones da retina. Mas muitas espécies não humanas têm bastonetes e cones sintonizados para frequências de energia fora do espetro da luz visível. Os corujões, os gaviões e as águias, por exemplo, conseguem ver frequências de infravermelhos, ou seja, conseguem ver as ondas de energia criadas pelo calor corporal. E mesmo isto é ainda uma porção muito estreita do gigantesco espetro EM.

Desde a sua primeira infância, Edgar Cayce conseguia ver fadas, duendes, anjos e amigos invisíveis. Quando criança, pensava que toda a gente via estas coisas. À medida que cresceu, aprendeu que não era assim. Começou a guardar segredo sobre as suas capacidades porque elas causavam reações desagradáveis nos outros e o gozo dele e da sua família. Quando se tornou um adulto com maior autoconfiança, partilhou esta recordação, conforme a sua estenógrafa a registou:

"Lembro-me tão nitidamente do jardim na antiga casa da minha mãe, quando eu era uma criança muito pequena. O pai da minha mãe foi um dos primeiros povoadores no sudoeste do Kentucky, tinha uma propriedade antiga e bonita, e o jardim à antiga, com todas as flores à antiga, era conhecido em toda aquela parte do país.

O facto de mencionar que a sua mãe destruía os corações-de-maria [flores] traz-me à memória os belos tufos destes que cresciam naquele jardim, com um tufo grande de relva riscada, algumas peónias muito antigas, todo o tipo de botões-de-ouro e afins; um canteiro deslumbrante de violetas-de-cheiro

e todas essas flores antigas. Foi aqui que, frequentemente, na minha primeira infância, encontrei e brinquei com aqueles que os outros nunca conseguiam ver. Estas são pelo menos algumas das minhas experiências.

"Quanto a saber qual foi exatamente a primeira experiência, não sei. Aquela que parece atualmente ser uma das primeiras foi quando eu tinha possivelmente dezoito ou vinte meses. Eu tinha uma casinha de brincar no fundo de um jardim antigo, entre as madresilvas e outras flores. Naquela altura em particular, grande parte deste jardim tinha sido invadida por canas altas, segundo me lembro. Eu tinha feito um pequeno abrigo com as pontas das canas e tinha sido ajudado por um companheiro de brincadeiras invisível a entrelaçá-las ou fixá-las para que dobrassem um abrigo.

Nos dias bonitos eu brincava ali. Uma tarde, a minha mãe desceu pelo caminho do jardim a chamar por mim. O meu companheiro de brincadeiras (que me parecia ter mais ou menos o mesmo tamanho do que eu) estava comigo. Nunca me tinha ocorrido que ele não fosse "real", ou que não fosse uma das crianças dos vizinhos, até a minha mãe falar e me perguntar o nome do meu companheiro de brincadeiras.

Virei-me para lhe perguntar, mas ele desapareceu. Durante algum tempo, isto perturbou um pouco a minha mãe, e ela interrogou-me demoradamente. Lembro-me de chorar porque ela tinha espiado por várias vezes e, de cada uma delas, o companheiro de brincadeiras desaparecia.

"Cerca de um ano ou dezoito meses mais tarde, isto mudou consideravelmente quanto ao número de companheiros de brincadeiras. Tínhamos mudado para outra casa de campo. Aqui eu tinha dois locais favoritos onde brincava com estas pessoas invisíveis.

Um, muito peculiarmente, era num cemitério antigo onde tinham crescido cedros. Debaixo de um cedro, cujos ramos tinham crescido muito perto do chão, fiz outro pequeno refúgio, onde — com estes companheiros de brincadeiras — recolhia pedaços de vidro colorido, folhas com cores bonitas e coisas dessa natureza, de tempos a tempos. Mas o que me perturbava era que eu não sabia de onde eles [os companheiros de brincadeiras] vinham ou porque se iam embora quando alguém da minha família se aproximava. O outro refúgio era um monte de palha antigo e favorito pelo qual eu costumava escorregar. Ficava no lado oposto da estrada (estrada principal) em relação a onde morávamos, e em frente à casa.

A experiência mais marcante (e uma que tenho a certeza de que a perturbou muito) foi quando a minha mãe olhou por uma janela e viu crianças a escorregar por aquele monte de palha comigo. Claro que eu tinha um pequeno refúgio lindo escavado de lado no anel de palha, no qual nos sentávamos frequentemente a discutir os grandes problemas de uma criança de três ou quatro anos. Quando a minha mãe olhou para fora, chamou a perguntar quem eram as crianças que estavam a brincar comigo. Percebi que não sabia os nomes delas.

Como estavam vestidas, pergunta a senhora? Havia rapazes e raparigas. Seria impossível (nesta data) descrever o seu vestuário, figura ou rosto, mas não me ocorreu na altura — nem me ocorre agora — que fossem diferentes de mim, exceto pelo facto de terem a capacidade de aparecer ou desaparecer conforme o nosso estado de espírito mudava. Apenas uma vez olhei pela janela de casa e vi as fadas ali, a fazerem-me sinal para ir brincar. Nessa altura, a minha mãe também as viu muito claramente, mas não se opôs a que eu saísse para brincar com elas. Esta experiência, segundo me lembro agora, durou durante uma estação inteira — ou verão.

"Alguns anos mais tarde (quando já tinha crescido para os seis ou sete anos) a nossa casa era numa pequena mata. Aqui aprendi a falar com as árvores, ou parecia que elas falavam comigo. Ainda hoje defendo que qualquer pessoa pode ouvir vozes, aparentemente vindas de uma árvore, se estiver disposta a escolher uma árvore (uma árvore viva, não uma morta) e sentar-se encostada a ela durante quinze a vinte minutos todos os dias (à mesma hora todos os dias) durante vinte dias. Esta foi a minha experiência. Escolhi uma árvore muito bonita e, ao redor dela, brinquei com os meus companheiros de brincadeiras que vinham (que na altura pareciam muito mais pequenos do que eu).

Construímos um pavilhão bonito com ramos de avelanheira, sequoia, corniso e afins, com violetas-dos-campos, arisemas e muitos dos musgos selvagens que pareciam ser especialmente atraídos para este pequeno local particular onde eu me encontrava com os meus amigos para falar — os pequenos duendes das árvores.

Com que frequência estes vinham, não sei. Vivemos ali durante vários anos. Foi ali que li a Bíblia até ao fim pela primeira vez, que aprendi a rezar, que tive muitas visões ou experiências; não apenas de ver os duendes, mas o que me pareciam ser as hostes [anjos] que devem ter aparecido ao povo antigo, conforme registado no Génesis em particular. Neste pequeno pavilhão nunca houve qualquer intrusão daqueles de fora.

Foi aqui que li a primeira carta de uma amiga. Foi aqui que fui rezar quando a minha avó morreu, a quem eu tanto amava e que tinha significado tanto para mim.

Descrever estes duendes das árvores, as fadas das matas ou — para mim — os anjos ou hostes, com todos os seus arredores belos e gloriosos, seria quase um sacrilégio. Eles significaram, e ainda significam, tanto para mim que são antes as experiências sagradas de que não falamos — tal como não falaríamos do nosso primeiro beijo e coisas do género. Porque faço tais comparações? Existem, sem dúvida, manifestações físicas que são uma contrapartida ou uma expressão de todas as forças invisíveis ao nosso redor, contudo fechámos os nossos olhos e os nossos ouvidos às canções das esferas, de modo que somos incapazes de voltar a ouvir as vozes ou de ver as formas ganharem corpo e ministrar — sim, fortalecer-nos — dia a dia!"

"É possível que tivesse muitas perguntas sobre a que jogos jogávamos. Aqueles com quem eu brincava no monte de palha eram diferentes daqueles do cemitério ou do jardim. Aqueles com quem eu brincava na mata eram diferentes. Pareciam adequar-se mais frequentemente àquilo que me interessava ou desenvolvia.

Dizer que eles plantavam as flores ou selecionavam o pavilhão, ou a pequena enseada em que o meu refúgio foi construído, não acho de todo que seria exagerar, ou que eles cuidavam destes ou me mostravam — ou me falavam da — sua beleza. Foi aqui que aprendi a ler pela primeira vez. Possivelmente as hostes no alto me deram a minha primeira interpretação daquilo a que chamamos o Livro Sagrado. Não acho que esteja a esticar a minha imaginação quando digo tal coisa. Jogávamos aos jogos das crianças, jogávamos aos namorados, jogávamos aos maridos e mulheres, jogávamos aos irmãos e irmãs, e jogávamos aos visitantes e pregadores. Jogávamos aos polícias e aos culpados. Jogávamos a ser todas as coisas que conhecíamos ao nosso redor.

"Não, eu nunca tenho nenhuma destas visões agora ou, se tenho alguma, é muito raramente (Relatório EC 464-12)

Quando Cayce tinha 54 anos, teve um sonho no qual estas mesmas fadas e duendes lhe apareceram novamente. A leitura psíquica sobre este sonho (EC 294-128) explicou que estes eram avisos de que a sua alma poderia regressar aos reinos espirituais (para nós, isso significava que ele poderia morrer) se a sua mente não se tornasse mais ativa neste mundo e não encontrasse mais pessoas a solicitar os seus serviços únicos.

Quando lhe pediram, durante uma das suas leituras psíquicas, para explicar o que eram os *brownies*, ele respondeu: "A maneira como aqueles dos elementais — entidades que não entraram na materialidade — se manifestaram e por vezes se manifestam à entidade. *Brownies*, *pixies*, fadas, gnomos não são elementais, mas elementos que são entidades tão definidas quanto o homem materializado" (EC 1265-3). Numa leitura de vidas passadas, ele disse a uma alma que "antes desta [encarnação] a entidade esteve na terra escocesa. A entidade começou a sua atividade como um prodígio, como alguém já versado nas suas associações com o invisível ou com as forças elementais, as fadas e aquelas de todas as formas que não ganham expressão de uma forma material e só são vistas por aqueles que estão sintonizados com o infinito." (EC 2547-1)

Setenta e dois dos discursos de Edgar Cayce mencionam "as forças invisíveis". Estas leituras descrevem as forças invisíveis como "uma consciência daquela força divina que emana na própria Vida neste plano material." (EC 281-7, o meu itálico)

A minha experiência pessoal leva-me a partilhar a necessidade de desenvolver um sentido para o subtil, porque a maioria das nossas perceções sensoriais são brutas, exigindo luz, som, sabor, odor e textura profundos. Mas as perceções mais elevadas são como teias de aranha, translúcidas, silenciosas (como a voz mansa e delicada), e tão delicadas. Cayce ensinou que os sentidos mais elevados despertam à medida que a alma desperta. Procurem isso primeiro, e depois as capacidades vêm naturalmente. §

Cartas de Edgar Cayce

01/12/32

Carta de EC para a Sra. [464]: …Sim, eu também sempre apreciei um jardim. Quase não sei sob que perspetiva adquiri isto, ou se é algo que transporte de alguma outra experiência, mas lembro-me tão nitidamente do jardim na antiga casa da minha mãe quando eu era uma criança muito pequena. O pai da minha mãe foi um dos primeiros povoadores no sudoeste do Kentucky; tinha uma propriedade antiga e bonita, e o jardim à antiga, com todas as flores à antiga, era conhecido em toda aquela parte do país. O facto de mencionar que a sua mãe destruía os corações-de-maria traz-me à memória os belos tufos destes que cresciam naquele jardim, com um tufo grande de relva riscada, algumas peónias muito antigas, todo o tipo de botões-de-ouro e afins; um canteiro deslumbrante de violetas-de-cheiro e todas essas flores antigas. Foi aqui que frequentemente, na minha primeira

infância, encontrei e brinquei com aqueles que os outros nunca conseguiam ver.

Foi aqui que muitas vezes me chamavam a criança estranha, muito estranha. Lembro-me de apanhar uma boa surra uma vez por destruir um canteiro de lúpulo, o único que alguma vez vi! Porquê? Parecia que eu era dirigido, segundo me lembro, por aqueles com quem brincava; mas essa era uma desculpa muito fraca para os meus mais velhos na altura. Foi a única coisa, trepadeira ou flor, de que me lembro de alguma vez ter destruído. Mais tarde, quando tinha entre nove anos e o início da minha adolescência, apreciava uma pequena clareira na mata, e as árvores. Tinha o meu pequeno vale de flores favorito, com avelanheiras, uma moita de assiminas e afins. Foi um grande desgosto para mim quando nos mudámos daquela casinha e tive de deixar todas as árvores, trepadeiras e flores que tinham passado a significar tanto para mim…. Com os meus melhores cumprimentos pessoais para si e para os seus, subscrevo-me Atenciosamente,

EC 27/01/33

"A minha filha mais velha, [2144], pediu-me que lhe escrevesse sobre um assunto do qual penso que o senhor sabe alguma coisa. Há algum tempo, numa das suas cartas para mim, o senhor escreveu que as pessoas costumavam chamar-lhe uma criança estranha, que tinha companheiros de brincadeiras que ninguém conseguia ver além de si mesmo... [2144] trouxe para casa da biblioteca um livro do Conan Doyle chamado A CHEGADA DAS FADAS. Mostra fotografias de fadas e daqueles que as viram, e descreve-as. A maioria destas pessoas eram psíquicas... Agora, se estiver interessado e tiver tempo para escrever, ficaria muito grato se me falasse de algumas das suas experiências dos dias de infância com os seus companheiros de brincadeiras invisíveis."

31/01/33 Carta de EC: . . .

As perguntas que faz são muito interessantes e, para mim, valem muito a pena. Ao longo de todos estes anos penso que tenho sido (possivelmente por necessidade) um indivíduo bastante pragmático. Sem dúvida que todos os meus companheiros de infância e juventude eram também bastante pragmáticos. Consequentemente, distanciei-me muito de muitas das experiências que eram muito próximas e preciosas para mim quando era uma criança pequena. Quando olho para trás para as várias experiências, prefiro convencer-me de que foram passos no meu desenvolvimento.

Talvez se lhes tivesse prestado mais atenção o presente seria bastante diferente.

Não sei se lhe consigo dar uma perceção suficiente para valer a pena, quanto ao que exatamente se passou durante essas experiências da minha primeira infância quando visitava companheiros de brincadeiras invisíveis; pois terei de admitir que — exceto por um esboço geral da minha vida, no qual este assunto é abordado apenas um pouco — nunca tentei colocar essas experiências por escrito.

Por isso, se a minha carta parecer de certo modo desconexa ou desarrazoada, saiba que é devido a um corpo fisicamente desenvolvido (e possivelmente uma mente sã) a tentar manter-se dentro dos limites da razão. Exceto as histórias de fadas dos irmãos Grimm e de Hans Andersen, nunca li sobre as experiências de outros. Embora tenha tido uma pequena correspondência com Sir Arthur Conan Doyle, e tenha um ou dois livros dele, não li o que menciona. Gostaria muito de o ler, e vou ver se o meu filho o consegue obter na biblioteca de Norfolk. Estas são pelo menos algumas das minhas experiências. Quanto a saber qual foi exatamente a primeira experiência, não sei. Aquela que parece atualmente ser uma das primeiras foi quando eu tinha possivelmente dezoito ou vinte meses. Eu tinha uma casinha de brincar no fundo de um jardim antigo, entre as madresilvas e outras flores. Naquela altura em particular, grande parte deste jardim tinha sido invadida por canas altas, segundo me lembro.

Eu tinha feito um pequeno abrigo com as pontas das canas e tinha sido ajudado por um companheiro de brincadeiras invisível a entrelaçá-las ou fixá-las para que dobrassem um abrigo. Nos dias bonitos eu brincava ali. Uma tarde, a minha mãe desceu pelo caminho do jardim a chamar por mim. O meu companheiro de brincadeiras (que me parecia ter mais ou menos o mesmo tamanho do que eu) estava comigo. Nunca me tinha ocorrido que ele não fosse real, ou que não fosse uma das crianças dos vizinhos, até a minha mãe falar e me perguntar o nome do meu companheiro de brincadeiras. Virei-me para lhe perguntar, mas ele desapareceu.

Durante algum tempo, isto perturbou um pouco a minha mãe, e ela interrogou-me demoradamente. Lembro-me de chorar porque ela tinha espiado por várias vezes e, de cada uma delas, o companheiro de brincadeiras desaparecia. Cerca de um ano ou dezoito meses mais tarde, isto mudou consideravelmente — quanto ao número de companheiros de brincadeiras. Tínhamos mudado para outra casa de campo. Aqui eu tinha dois locais favoritos onde brincava com estas pessoas invisíveis. Um

(muito peculiarmente) era num cemitério antigo onde tinham crescido cedros.

Debaixo de um cedro, cujos ramos tinham crescido muito perto do chão, fiz outro pequeno refúgio, onde — com estes companheiros de brincadeiras — recolhia pedaços de vidro colorido, folhas com cores bonitas e coisas dessa natureza, de tempos a tempos. Mas o que me perturbava era que eu não sabia de onde eles vinham nem porque se iam embora quando alguém da minha família se aproximava. O outro refúgio era um monte de palha antigo e favorito pelo qual eu costumava escorregar. Ficava no lado oposto da estrada (estrada principal) em relação a onde morávamos, e em frente à casa. A experiência mais marcante (e uma que tenho a certeza de que a perturbou muito) foi quando a minha mãe olhou por uma janela e viu crianças a escorregar por aquele monte de palha comigo.

Claro que eu tinha um pequeno refúgio lindo escavado de lado no anel de palha, no qual nos sentávamos frequentemente a discutir os grandes problemas de uma criança de três ou quatro anos. Quando a minha mãe olhou para fora, chamou a perguntar quem eram as crianças que estavam a brincar comigo. Percebi que não sabia os nomes delas. Como estavam vestidas, pergunta a senhora? Havia rapazes e raparigas. Seria impossível (nesta data) descrever o seu vestuário, figura ou rosto, mas não me ocorreu na altura — nem me ocorre agora — que fossem diferentes de mim, exceto pelo facto de terem a capacidade de aparecer ou desaparecer conforme o nosso estado de espírito mudava.

Apenas uma vez olhei pela janela de casa e vi as fadas ali, a fazerem-me sinal para ir brincar. Nessa altura, a minha mãe também as viu muito claramente, mas não se opôs a que eu saísse para brincar com elas. Esta experiência, segundo me lembro agora, durou durante uma estação inteira — ou verão. Alguns anos mais tarde (quando já tinha crescido para os seis ou sete anos) a nossa casa era numa pequena mata. Aqui aprendi a falar com as árvores, ou parecia que elas falavam comigo. Ainda hoje defendo que qualquer pessoa pode ouvir vozes, aparentemente vindas de uma árvore, se estiver disposta a escolher uma árvore (uma árvore viva, não uma morta) e sentar-se encostada a ela durante quinze a vinte minutos todos os dias (à mesma hora todos os dias) durante vinte dias. Esta foi a minha experiência. Escolhi uma árvore muito bonita e, ao redor dela, brinquei com os meus companheiros de brincadeiras que vinham (que na altura pareciam muito mais pequenos do que eu). Construímos um pavilhão bonito com ramos de avelanheira, sequoia, corniso e afins, com violetas-

dos-campos, arisemas e muitos dos musgos selvagens que pareciam ser especialmente atraídos para este pequeno local particular onde eu me encontrava com os meus amigos para falar — os pequenos duendes das árvores.

Com que frequência isto vinha, não sei. Vivemos ali durante vários anos. Foi ali que li a Bíblia até ao fim pela primeira vez, que aprendi a rezar, que tive muitas visões ou experiências; não apenas de ver os duendes, mas o que me pareciam ser as hostes que devem ter aparecido ao povo antigo, conforme registado no Génesis em particular. Neste pequeno pavilhão nunca houve qualquer intrusão daqueles de fora. Foi aqui que li a primeira carta de uma amiga. Foi aqui que fui rezar quando a minha avó morreu, a quem eu tanto amava e que tinha significado tanto para mim.

Descrever estes duendes das árvores, as fadas das matas ou — para mim — os anjos ou hostes, com todos os seus arredores belos e gloriosos, seria quase um sacrilégio. Eles significaram, e ainda significam, tanto para mim que são antes as experiências sagradas de que não falamos — tal como não falaríamos do nosso primeiro beijo e coisas do género. Porque faço tais comparações? Existem, sem dúvida, manifestações físicas que são uma contrapartida ou uma expressão de todas as forças invisíveis ao nosso redor, contudo fechámos os nossos olhos e os nossos ouvidos às canções das esferas, de modo que somos incapazes de voltar a ouvir as vozes ou de ver as formas ganharem corpo e ministrar — sim, fortalecer-nos — dia a dia!

Possivelmente existem muitas perguntas que gostaria de fazer, quanto a que jogos jogávamos. Aqueles com quem eu brincava no monte de palha eram diferentes daqueles do cemitério ou do jardim. Aqueles com quem eu brincava na mata eram diferentes. Pareciam adequar-se mais frequentemente àquilo que me interessava ou desenvolvia. Dizer que eles plantavam as flores ou selecionavam o pavilhão, ou a pequena enseada em que o meu refúgio foi construído, não acho de todo que seria exagerar, ou que eles cuidavam destes ou me mostravam — ou me falavam da — sua beleza.

Foi aqui que aprendi a ler pela primeira vez. Possivelmente as hostes no alto me deram a minha primeira interpretação daquilo a que chamamos o Livro Sagrado. Não acho que esteja a esticar a minha imaginação quando digo tal coisa. Jogávamos aos jogos das crianças, jogávamos aos namorados, jogávamos aos maridos e mulheres, jogávamos aos irmãos e irmãs, e jogávamos aos visitantes e pregadores. Jogávamos aos polícias e

aos culpados. Jogávamos a ser todas as coisas que conhecíamos ao nosso redor. Não, eu nunca tenho nenhuma destas visões agora ou — se tenho alguma — é muito raramente.

Numa leitura, em determinada altura, foi dito pelos presentes que eu me tornei muito eloquente no que diz respeito a estas mesmas experiências, quando estávamos a tentar localizar alguns minerais ou petróleo na terra onde vivi quando criança (pois todos estes locais onde vivi ficavam apenas a cerca de um quilómetro de distância uns dos outros). Duas estenógrafas tentaram escrever esta leitura, mas não conseguiram apanhar nada dela; por isso, o que lhe estou a contar é informação de terceira mão.

Os presentes relataram que ficaram maravilhados, como se estivessem na presença de algo que os impedia de se moverem — exceto para sorrir ou chorar de alegria. Parece que assim que fiquei inconsciente, segundo os seus relatos, começou uma conversa entre muitos outros e eu — mas apenas a minha voz podia ser ouvida. Muitas perguntas foram feitas por quem conduzia a leitura na altura, mas haveria apenas a reiteração daqueles dias que tínhamos passado juntos — e do desejo deles de que eu me juntasse a eles em breve, para que pudéssemos continuar com todas as coisas de que tínhamos desfrutado durante esses dias. Esta conversa, disseram eles, continuou por quase três horas, e os sete indivíduos presentes ficaram até com medo de se aproximar de mim quando finalmente acordei. Aquele com quem eu tinha sido muito próximo ficou com medo de dormir no mesmo quarto comigo nessa noite. Mas, como todas essas experiências, foi gradualmente explicada e descartada pela nossa bela mentalidade materialista — dizendo que não era nada mais do que imaginação e afins.

O que tudo isto significa, não sei se consigo compreender ou entender. Como lhe disse antes, todas as manifestações devem ser daquela influência ou força divina a que chamamos Deus. Todas as formas de vida, vistas e invisíveis, são essências e manifestações daquele Único. ELE reunir-nos-ia, como o Mestre disse "assim como a galinha ajunta os seus pintainhos debaixo das asas, mas vós não quisestes!" Estamos tão seguros de nós próprios, queremos estar sós. Agora, espero que toda esta recordação valha pelo menos a pena. É apenas a minha experiência. Não estou a pedir a ninguém que acredite nela. Não podemos ter experiências por outro. Apenas podemos ver os efeitos do que outro vislumbrou ou experienciou, na maneira de viver vivida por outro — e depois julgar por aquilo que o

indivíduo estabeleceu como padrão…. Todos enviam os melhores cumprimentos. Atenciosamente, EC

Extratos das Leituras

1298-1, F 43

(Mulher de Negócios, Estudante de Metafísica), 27/11/36

Pois assim como os elementais são a teia e a trama da materialidade, assim a divindade é a teia e a trama da espiritualidade na experiência dos seres humanos. 3189-3, M 79, 03/09/43 (P) Tenho alguma orientação direta de ajudantes invisíveis? (R) Como indicado, o anjo da guarda está sempre diante do trono de Deus — para cada indivíduo. 2316-1, M 16, 27/07/40 Uma personalidade bastante invulgar!... Estas características são evidentes como uma combinação de coisas ou condições latentes e manifestadas no propósito interior, bem como no propósito emocional da entidade: Alguém inclinado, então, a estar muitas vezes — ou por vezes — profundamente interessado em coisas de natureza invulgar, psíquica ou mística; antes um sonhador de sonhos da natureza em que fadas boas ou circunstâncias invulgares trazem retornos adequados para a entidade de todas as naturezas.

Alguém que é dotado na arte de contar boas histórias, e que poderia ter sucesso materialmente como escritor, ensaísta ou psiquiatra. Índice da Leitura 257-87, M 39, (Gerente de Vendas) 16/07/32 Humor Par. 28-A

(P) Que argumentos deve [257] usar com Isaac Orr de St. Louis para fechar o negócio?

(R) Quando tiverem sido feitas as ligações adequadas, e uma estrutura adequada que seja eficaz através desses canais, como sugerido em qualquer das direções, então será dado — isto é, se o corpo seguir muito de perto aquilo que foi delineado — quanto a como se aplicar, o que deve ser dito, ou as circunstâncias e condições ter-se-ão ESTABELECIDO de tal modo que — o que pode ser denominado por alguns como bom SENSO comum — direcionará as situações, percebe? Ou, para ser visto da forma como ALGUNS veriam, os pequenos *brownies* aparecem e dizem-lhe o que fazer! Ou, como pode ser visto por outro, é DADA essa comparação dentro de si e dos associados quanto a como enfrentar a situação.

(Massagista), 23/12/41

Que emaranhado a entidade por vezes considerou que foram as suas experiências! E no entanto um indivíduo extremamente capaz, extremamente compreensivo…. Alguém que na sua primeira experiência

nesta estada foi muitas vezes considerado bastante travesso; a escavar ou a imiscuir-se em condições ou coisas que habitualmente metiam a entidade em sarilhos, ou em disputas. Isto era uma consequência natural, como se pode ver, e havia a falta de compreensão dos outros em tais experiências. Pois a entidade, regressando em breve, procurou expressão; tentando encontrar algo — e tudo de natureza misteriosa, respeitante às coisas chamadas irreais (por alguns), mas coisas de natureza espiritual, coisas que pareceriam a outros ser apenas contos de fadas a entidade procurou compreender; esperou continuamente e teve algumas experiências invulgares neste reino da mente, do pensamento e da expressão. Ao dar os impulsos latentes e manifestados, estes parecem expressivos nos aspetos astrológicos, bem como nas experiências ou estadas na terra.

Os astrológicos encontram expressão nos sonhos, nas visões, nos devaneios da entidade. E pouco, salvo em períodos, veio ter com a entidade daquilo com que ela sonha; e no entanto é possível, e pode ainda ser experienciado pela entidade…. Encontramos em Neptuno o poder da água, ou das influências sobre a mesma; a expressão criativa, a capacidade de ajudar a reanimar ou a dar vida às coisas. E quase tudo o que fosse plantado na terra pela entidade viveria. E as flores e aquelas coisas que são cortadas da natureza florescem ou deitam MELHOR perfume por estarem perto ou sobre o corpo da entidade (e há poucas de quem se possa dizer isto).

Em Saturno encontramos as mudanças repentinas; enquanto Júpiter - com as mudanças - trouxe antes uma consciência universal ou um desenvolvimento.

Estes analisados na experiência e aplicados na vida diária podem trazer um despertar consciente à entidade de modo a tornar a experiência mais do que valiosa.

694-2, F 45 (Estenógrafa), 16/10/34

Quanto às estadas astrológicas que a entidade experimentou, encontramos influências adversas através da estada em Vénus; trazendo essas experiências - nas suas relações com as atividades MENTAIS dos indivíduos - de muitas desilusões, muitas experiências em amizades que por vezes causaram receios - mesmo à entidade - de dar até confidências àqueles que na carne e nas coisas materiais tinha sentido que seriam tão prestáveis.

Mas está a ser apontado que não há elementais, salvo aqueles que foram construídos na materialidade, que possam ajudar e fortalecer as relações nessas coisas sobre o eu, essas próprias condições.

Para o teu próprio eu nestas relações sê verdadeiro, e não serás falso para com ninguém - a quem deverias manifestar na tua vida, na tua expressão de vida, nas tuas atividades nas coisas materiais, até o amor do Pai.

Sê antes, então, nas tuas associações em amizades, o impessoal; contudo com o amor do teu próximo tão profundo, tão alto, de modo a manifestar ESSE amor que excede todo o entendimento.

LEITURA 1911-1, F 7 27/01/31

13. Frequentemente a entidade é capaz de ver, ouvir, aquilo que para outros não parece existir. Não tente diminuir ou dissuadir a entidade dessas impressões que estão a vir através daquilo a que se chama força imaginativa ou subconsciente no eu. Em vez disso, raciocine com, aconselhe quanto à aplicação adequada da FONTE disso sentido, ouvido, visto, experimentado, e a sua UTILIDADE quanto às condições que surgem na experiência de um corpo. Não como para ganhos MATERIAIS; antes como para o desenvolvimento mental e da alma da entidade, usando tais experiências quando estas são dadas pela entidade como uma comparação na vida daquele que disse: "Deixai vir a mim as criancinhas, porque das tais é o reino dos céus". Sabendo que o reino reside dentro do próprio desenvolvimento de cada indivíduo, então amplifique isso por essas comparações, e estas crescerão dentro da experiência da entidade como aplicáveis e apreciadoras de uma influência que pode ser de grande alcance nas associações da entidade, quando comparadas com aquilo que foi dado, quanto a como a entidade há de ser frequentemente a pacificadora entre indivíduos, grupos, até nações….

14. Na anterior a esta encontramos naquela terra conhecida agora como a persa, durante aqueles períodos em que havia a construção de muitos cultos na terra. A entidade estava entre aqueles que seguiram aqueles da terra para aquela terra do sul, quando estavam a ser estabelecidas aquelas escolas, quando as divisões na terra egípcia tinham sido resolvidas. A entidade tornou-se, então, uma daquelas que estudaram naquele período na terra egípcia, regressando à sua própria terra como uma emissária, como alguém que levava boas-novas aos povos, a partir das quais foi mais tarde construído um conceito

inteiramente novo na terra. Peri, a entidade usava o nome - e na verdade a entidade tornou-se a fada para muitos daqueles naquele período, pois a entidade prestou ajuda em muitos lugares humildes, bem como nos altos; trazendo paz e entendimento das várias relações como o homem no seu próprio desenvolvimento se encontrava perante o próximo, e perante as forças que se manifestam nas energias CRIATIVAS dadas ao homem através da própria experiência da sua alma. Ganhando na experiência, a entidade tornou-se alguém como que adorado por muitos dias naquela terra. Não apenas para aqueles na terra à qual a entidade chegou, mas para aqueles a quem a entidade regressou, vieram as bênçãos - pois a entidade deu muito. No presente ver-se-á que as experiências da entidade podem ser de tal modo construídas na expressão que a entidade faz das mesmas, seja no movimento do corpo ou na voz, que levará aqueles a entenderem que o mesmo vem da alma - e não de uma expressão exterior.

15. Nas capacidades no presente, AMPLIFIQUE aquelas que foram dadas como capacidades, para que a entidade possa ser chamada - mesmo no presente - esse anjo de misericórdia para muitos, o de uma emissária de justiça para aqueles com quem a entidade contacta, pois as BÊNÇÃOS no presente apenas ajudarão no próprio desenvolvimento da entidade.

LEITURA 2148-7, menino de 2 anos 19/11/42 Bíblia:

15. Dê à entidade uma razão, sempre, para as correções feitas; não apenas porque o diz, mas por causa da sua influência moral sobre a entidade. Dedique tempo a explicar isso mesmo à entidade quando as correções forem feitas. Na verdade, pode dizer-se, embora a entidade possa ser mimada, aqueles que mimam a criança e poupam a vara eventualmente arrepender-se-ão disso. Não que isto signifique que a correção deva ser feita apenas pela força, mas aquelas tendências, esses temperamentos devem ser guiados na direção em que a mente forte, o temperamento indomável, as determinações, possam ser não bloqueados, mas direcionados para canais criativos; não quebrados, mas guiados corretamente. Raciocine com a entidade frequentemente; especialmente nas histórias, nos contos contados, deixe que eles tenham também algo da natureza espiritual, para que a grande imaginação que faz parte da experiência - possa ter esses campos para atividade nos momentos da ação da entidade na sua

relação com o seu próprio desabrochar, nas suas relações com os outros; para que estes tragam um poder e uma influência para o bem….

16. Antes disso a entidade esteve naquele período logo anterior ao advento do Mestre na terra.

17. A entidade era uma estudante de, e uma trabalhadora com, especialmente os grupos essénios que estavam a fazer aquelas preparações para a vinda desses acontecimentos particulares na experiência do homem.

18. Daí essas forças intuitivas. Pois a entidade era uma trabalhadora nos atributos químicos e dos metais, e assim chamada alquimista.

19. A entidade atingiu uma idade avançada naquele período, conhecendo ou vendo no Templo aqueles períodos em que Ana e o sacerdote abençoaram o Filho. Estes trouxeram à entidade uma satisfação, ao ver aquelas coisas pelas quais a entidade tinha trabalhado. Daí aquelas comunicações que foram desta entidade para os Reis Magos. Chegamos assim a essas interpretações dos períodos em que os Reis Magos visitaram as atividades do Cristo, ou Jesus que se tornou o Cristo.

20. O nome era então Eliajah. Na experiência a entidade ganhou em tudo. E o interesse ser achado, nos anos vindouros, naquelas coisas que são de natureza misteriosa, o interesse da entidade em contar histórias, contos de fadas, aquelas experiências onde o invulgar aconteceu.

21. E as forças intuitivas que serão manifestadas na presente experiência desta entidade surgem daquelas forças inatas ali.

LEITURA 2547-1 M 4

Esta Leitura Psíquica dada por Edgar Cayce no escritório da Associação, Arctic Crescent, Virginia Beach, Va., neste dia 29 de julho de 1941.

3. Ao dar as interpretações dos registos aqui, para esta entidade a maior porção no presente seria como conselho para aqueles responsáveis pelo treino, pelo desenvolvimento daquelas capacidades - espiritual e mentalmente - que são aparentes nas atividades desta entidade; para que ela possa preencher melhor aqueles propósitos para os quais entrou nesta experiência.

4. Afortunados na verdade podem ser aqueles que têm um papel na formulação dos ideais desta entidade no presente. Pois ele formulará ideias para muitos, não importa que rumo as atividades tomem. Mas se estes forem guiados por aqueles canais através dos quais as atividades desta entidade têm sido no plano terrestre, encontraremos o GLORIFICAR da Consciência Crística em maneiras manifestadas de atividade espiritual como não foi visto desde que a entidade na sua expressão na terra deu conselho a muitos.

5. Astrologicamente encontramos poucas influências na experiência desta entidade. Pois as atividades na terra têm de tal modo ultrapassado, superado essas. E nenhuma entidade individual, salvo o próprio Mestre, deu maior demonstração material das atividades das forças espirituais na terra de TODA a natureza.

6. Astrologicamente, então, encontramos apenas os sonhos latentes da entidade. Pois as manifestações no plano terrestre têm sido tão proeminentes; no período anterior a este como um reformador, um escocês.

7. Daí encontraremos características invulgares no cuidado que a entidade tem com certas coisas ao seu redor, e noutras como um extremista na sua expressão, nas suas palavras, na contemplação das suas atividades.

8. Mas estes precisam de orientação espiritual, - não que a entidade deva ser INCENTIVADA. Pois a entidade fará a maior parte do incentivo, se for guiada naquelas atividades que hão de ser os ideais formulados da mente em desenvolvimento.

9. Assim deve ser treinada em verdades espirituais. À maioria destas a entidade dará expressão, na tentativa de direcionar. E pouco pode ser dito à entidade das histórias da Escritura que ela não possa contar-lhe mais do que aquilo que contará à entidade! Mas não deve haver um forçar da questão; antes haja um desenvolvimento NORMAL.

10. NÃO QUESTIONEM a entidade quanto às fontes da sua informação. NÃO CORRIJAM a entidade quanto ao que é dado, mas mantenham um registo detalhado do que é dado.

11. Não impressionem nem deem a impressão de que a entidade é diferente de outros indivíduos.

12. TENHAM o desenvolvimento fisicamente E espiritualmente como um só.

13. Ao dar esta interpretação, então, estas são as atividades da entidade no plano terrestre que daríamos como pano de fundo; não aparições em grande número. Assim a entidade é uma sonhadora, e por vezes bastante faladora, noutras muito silenciosa.

14. A entidade não conhece o significado de estranho, contudo é alguém que analisa cada indivíduo que conhece.

15. Quanto às aparições na terra, então, - estas, como indicado, têm sido poucas.

16. Antes disto a entidade esteve na terra escocesa. A entidade começou a sua atividade como um prodígio, como alguém já versado nas suas associações com o invisível - ou as forças elementais; as fadas e aquelas de todas as formas que não dão expressão de uma forma material e só são vistas por aqueles que estão sintonizados com o infinito.

17. Depois a entidade no desenvolvimento esteve em nome de Thomas Campbell, o reformador na terra da presente natividade; o qual, como combinado mais tarde com Barton Stone, trouxe para a atividade aquilo conhecido como uma denominação.

18. A intenção e propósito era UNIFICAR todo o pensamento protestante, falando onde o Livro falava, mantendo silêncio onde ele mantinha silêncio sobre as atividades ou associações de indivíduos em relações com grupos ou com massas.

19. Daí a entidade ao longo de toda a sua experiência não esteve disposta a ser outra coisa que não um orador.

20. E as capacidades como orador, como ministro, serão uma parte daquelas faculdades, características, que devem ser consideradas à medida que a entidade se desenvolve normalmente.

21. Não permitam que a entidade, nos primeiros dez a doze anos, se afaste das verdades espirituais no Antigo e no Novo Testamento; não como um ismo, não como um culto. Pois será fácil para um culto, um ismo, ser formado em redor da entidade e dos seus prognósticos. Mas antes seja como alguém a glorificar as verdades que são prometidas no trigésimo de Deuteronómio, e nos capítulos 14, 15, 16 e 17 de João. Estes impressionam. Acreditem as capacidades da entidade a estas fontes. Quando houver perguntas quanto à fonte a partir da qual a entidade obtém a sua informação, concordem que vem do infinito. Pois estes são os desenvolvimentos.

22. Pois antes disso a entidade foi aquela sobre quem o manto de Elias caiu, - que na sua atividade material realizou atos mais invulgares, ou milagres, que só são comparáveis com o próprio Mestre.

23. A entidade então como Eliseu trouxe para a experiência muito do que era invulgar na expressão.

24. Assim no presente, nas experiências desta entidade, pode esperar-se uma expressão exatamente tão invulgar; como aqueles que vêm ter com a entidade para receber as bênçãos do lenço, da fotografia até, ou daquelas coisas que a entidade possa tocar ou abençoar.

25. Mas que estas sejam como fontes NATURAIS, NÃO como algo invulgar. Pois lembrai-vos - aqueles que têm o treino - aqueles a quem o Senhor honraria Ele castiga.

26. Estas, então, são as maneiras: Que cada dia seja uma oportunidade - não em mimá-lo, não em medidas drásticas, mas amando - como uma honra, como um privilégio a ser apreciado e ativo, - em que possam vir essas bênçãos à entidade.

27. Aqui podemos ver uma demonstração, uma ilustração daquele que tem sido indicado ou intimado através destes canais, como de um canal PERFEITO a ser formado para o advento de uma entidade-alma que traria bênçãos a todos - SE houver o direcionamento dos anos de desenvolvimento.

28. A responsabilidade, então, repousa sobre a mãe, o pai, pelos próximos oito anos. Serão então dados, aqui, esses estudos. Pois será fácil ensinar-lhe grego. Será fácil ensinar-lhe aquelas coisas que foram porções da atividade.

29. Pois antes DISSO a entidade foi aquela a quem foi confiado o advento do homem no mundo - Noé.

30. Disto encontramos essas fraquezas. Então, não como alguém que se abstém dessas, mas acautelai-vos sempre de qualquer bebida forte ou fruto da videira a passar pelos lábios DESTA entidade - através destes primeiros períodos, especialmente.

31. Fazei isto, e encontraremos bênçãos para o homem - através desta entidade.

32. Seja esta a oração com a entidade, diariamente:

"PAI, DEUS! NO TEU AMOR, NA TUA MISERICÓRDIA, TUSTE-NOS A OPORTUNIDADE DE VER AS MANIFESTAÇÕES DO TEU AMOR ENTRE OS HOMENS. PERMITE-NOS APRECIAR ESSA OPORTUNIDADE QUE TUSTE. E QUE CADA UM DE NÓS, DIA A DIA, MANTENHA A FÉ NAQUELE QUE PROMETEU: 'EIS QUE ESTOU CONVOSCO TODOS OS DIAS, ATÉ AO FIM DO MUNDO.'"

Terminámos por agora.

LEITURA 2547-1 M 4

R1. 22/7/48 Ele visitou a A.R.E. com o tio [416] e o pai. Rapaz de boa aparência, de aspeto muito sério. O tio diz que ele tem faltado muito à escola devido ao mau tempo, doença, etc., mas nunca tira menos de A. Muito inteligente. O tio também declarou que a criança parecia ter perceção do tempo, em várias ocasiões avisou os pais da aproximação de tempestades, muito antes de qualquer outra pessoa ver quaisquer sinais. GD.

R2. 6/57 Uma amiga da família disse a GD que se tinha encontrado com [2547] e a sua jovem esposa - que ambos eram muito religiosos [Batistas], ambos a ensinar e a trabalhar na educação religiosa, embora [2547] tivesse escolhido o negócio de mercearia como a sua profissão. Ela tentou falar com eles sobre reencarnação, etc., mas eles pareciam demasiado ortodoxos para estarem muito interessados, embora a esposa parecesse mais aberta a isso do que ele.

LEITURA 5359-1, F 14

B1. 4/7/44 Carta da mãe [3037]: "...Estarei a antecipar o sucesso desta leitura pois desfrutei dos benefícios da minha própria leitura de Vida..."

FADAS, DUENDES, ELEMENTAIS FICHEIRO CIRCULANTE Leituras de Edgar Cayce copyright 1971, 1993-2013 pela Edgar Cayce Foundation 28

TEXTO DA LEITURA 5359-1, F 14 Esta leitura psíquica dada por Edgar Cayce no escritório da Associação, Arctic Crescent, Virginia Beach, Va., neste dia 22 de julho de 1944.

3. Aqui encontramos capacidades muito invulgares e alguns avisos muito invulgares a serem dados também para uma pessoa tão adorável.
4. Na interpretação dos registos, estes seriam primeiro direcionados àqueles que têm o desenvolvimento ou o dar da oportunidade para a entidade para o desenvolvimento das suas capacidades, especialmente naquele campo da arte que seria designado como cartões de lugar, imagens de Natal, saudações da época e essa natureza particular. Estas deveriam ser as oportunidades dadas à entidade. Isto necessariamente incluiria música, mas não música como um meio de fazer além de sintonizar ou dar expressão.
5. Pois a entidade do seu eu interior é muito psíquica. Não submerjam, mas antes encorajem tudo isso.
6. Haverá estes como avisos, estes para aqueles responsáveis pela entidade: Uma tendência para o corpo comer em excesso ou para ser indulgente em demasia nos apetites. Estejam alertados para si próprios, bem como para associados daqueles que tomam vinho ou bebida forte, pois isto pode facilmente tornar-se uma pedra de tropeço para a entidade.
7. Ao dar a interpretação dos registos para a entidade, estas oportunidades, estes privilégios e estes avisos deveriam ser direcionados mais para aqueles responsáveis. Isto pode ser para a entidade:
8. Encontramos Vénus, Júpiter, Marte, Saturno, todos estes são partes da consciência da entidade. Assim, um indivíduo de mente muito forte, mas dado a coisas leves; e contudo um muito capaz ao falar com indivíduos, em vez de grupos ou números de pessoas.

9. Assim, esses avisos deveriam ser: faça com que o eu, então, abrace oportunidades com grupos e outros. Aplique o eu na direção especialmente da arte e da música. Pois estas oferecerão os canais, especialmente como foi indicado, através dos quais não só o sucesso material pode ser ganho, mas a interpretação do físico, do espiritual, do psíquico. Não tenha medo de reconhecer que vê fadas enquanto estuda, pois alimentará estas experiências. Não tenha medo de dizer que vê os gnomos que atrapalhariam as pessoas por vezes. Estes podem ser uma parte do plano de fundo para muitos dos cartões, para muitos dos vários esboços que faria.

10. Quanto às aparições na terra, estas têm sido bastante variadas:

11. Antes disto encontramos a entidade na terra durante aquele período em que havia aquelas reconstruções a seguir ao período chamado Revolução Americana. Aqui encontramos a entidade interessada em construir um lar com os belos terrenos ao redor do mesmo.

12. No nome então Lila Chapman, a entidade ganhou através do período, pois o lar para a entidade e a sua família, e os seus filhos foi aquilo que ocupou a maior porção do seu tempo, salvo o estudo da Palavra que teve lugar nesse lar; e contudo vieram do mesmo aqueles que tomaram demasiado do copo, como brindes. Isto trouxe perturbações, tristezas. Não deixe que ocorra novamente. Haverá as tendências para a atração, não só para si, mas para aqueles ao seu redor. Pois aquilo que odeias veio sobre ti. Não odeies nada no presente.

13. Antes disso encontramos a entidade nas terras para onde os Apóstolos foram quando foram expulsos devido a perseguições na Terra Santa, e aquelas partes do que é a Ásia Menor ou as velhas porções e para a Pérsia; e encontramos a entidade, não como uma "parasita" mas como alguém que ajudou os Discípulos, que seguiu através destas direções com João numa porção da terra, e depois com as descrições de Bartolomeu. A entidade esteve intimamente associada com estes a cantar salmos e nas esmolas e boas ações para aqueles atraídos aos mesmos para a porção material bem como espiritual das suas vidas.

14. Na experiência a entidade era então conhecida como Ishneth.

15. Antes disso encontramos a entidade na "cidade nas colinas e nas planícies" e a entidade estava entre aqueles dos nativos atraídos por, atraídos para, os povos que vieram da terra grega, mas não para qualquer bom propósito. Alguns tiveram sucesso em minar os povos. A maioria não, mas tornaram-se crentes eles próprios. A entidade estava entre aqueles atraídos pela sua beleza, pela sua graça e acima de tudo pela sua limpeza. Pois a limpeza está próxima da Divindade. Pois aquele que é puro como um indivíduo deve ser puro no corpo, tão limpo no corpo também.

16. Na experiência a entidade aprendeu muito do místico, nada do persa, mas aquelas atividades na "cidade nas colinas" que ajudaram os indivíduos nas fases artísticas da cultura e tradição gregas.

17. Assim o interesse no corpo-belo, o interesse na natureza e nos habitantes da natureza no ar, bem como das flores, rosas, nuvens, árvores, água, sons e tudo isto que vem da própria natureza.

18. O nome era então Pleghen.

19. Antes disso encontramos a entidade na terra egípcia quando havia aqueles que eram uma porção daquele desenvolvimento para Ra-Ta em trazer crianças aperfeiçoadas para a terra. A entidade estava entre aqueles que eram da atividade desse indivíduo e contudo trouxe para o serviço no Templo do Sacrifício e no Templo Belo as artes que primeiro foram expressas em flores coloridas sobre o linho do dia, e aquelas que faziam a beleza entre os povos nos lares, como um meio de instrução ao incitar as forças emocionais do corpo, e a construção da vida.

20. O nome era então Itcar.

21. Quanto às capacidades da entidade e àquilo que pode atingir e como: Primeiro depende daqueles que direcionariam a experiência inicial da entidade, e depois da entidade manter-se firme àquilo que traz esperança e vida e entendimento.

22. Prontos para perguntas.

23. (P) Qual é a natureza do meu karma que devo resolver nesta aparição?

(R) Leia aquilo que foi indicado.

24. (P) Com que propósito vim para o ambiente e influência destes pais?

(R) Para que possa haver o entendimento mais perfeito para cada um. Pois cada um tem muito para dar ao outro.

25. (P) Que impulsos são mais característicos de mim e devem ser desenvolvidos?

(R) Estes foram indicados também, e aquilo que é o aviso maior e aquilo que é virtude.

26. (P) Como estive associada em encarnações anteriores com os meus pais: a minha mãe [3037], e com o meu pai, [3434]?

(R) Paralelo com a aplicação de cada um ou as atividades em experiências variadas. Estas desenhará melhor na experiência egípcia.

27. (P) O meu irmão, [...]?

(R) No Egito e na Pérsia.

28. (P) A minha irmã, [...]?

(R) Não se dará tão bem com a sua irmã, embora a ame; não estiveram associadas. Terminámos com esta leitura.

LEITURA 5359-1 F 14

R1. 9/6/47 Carta da mãe [3037] de [5359]: "...Outra preocupação imediata minha é com alcoólicos! Meia dúzia das minhas amigas são vítimas desta alergia. Gostaria de saber se E.C. alguma vez deu informação sobre uma cura para esta alergia? Claro, a abstinência total é o tratamento adequado, mas muitas pessoas não conseguem isso facilmente!..."

R2. 11/3/49 Questionário submetido à mãe [3037] de [5359] por GD e completado a 22/3/49:

P-1. As características dela foram analisadas corretamente?

R-1. "Bastante correto."

P-2a. Dê exemplos, por exemplo: É verdade que ela tem capacidade no campo da arte - desenho, etc.?

R-2a. "Não - mas decidido ênfase no adorno do eu (artística e luxuosa no gosto), adora a elegância!"

P-2b. Tendência para comer em excesso, ser indulgente em demasia nos apetites?

R-2b. "Sim."

P-2c. Atração por aqueles que tomam vinho ou bebida forte?

R-2c. "Não - detesta ela própria, mas casou numa família muito 'dada ao copo', embora o marido seja bastante sensato considerando a sua educação!"

P-2d. Capacidade psíquica - muitos interpretam o físico, espiritual e psíquico através da arte e da música?

R-2d. "?"

P-2e. Uma mente forte mas dada a coisas leves - muito capaz ao falar com indivíduos, em vez de grupos?

R-2e. "SIM."

P-3. Foi necessário incitá-la a "abraçar oportunidades com grupos e outros"? Em outras palavras, se deixada à sua própria vontade procuraria a companhia de um ou dois em vez de se juntar ao grupo todo?

R-3. "Muito verdade; bastante crítica das pessoas; demasiado criteriosa; não expansiva!"

P-4. Mostrou algum interesse especial na escola dominical ou frequência à igreja de aulas de Bíblia, trabalho de coro, trabalho de caridade? Embelezamento do lar e terrenos?

R-4. "NÃO para a igreja ou Bíblia, mas desde a infância, uma preocupação em CUIDAR DE ÓRFÃOS. SIM, EMBELEZAR O SEU LAR, e esperando OBTER UM lugar ELEGANTE!"

P-5. Ama a natureza, "o corpo-belo", a cultura grega, a tradição mística? É especialmente particular sobre a sua saúde e aparência pessoal? Por exemplo, teve de andar atrás dela para lavar a cara, escovar os dentes, etc., ou fez estas coisas com mais prontidão do que a criança comum manifesta?

R-5. "De uma forma romântica e sensual aprecia a beleza; não mostrou interesse no místico ainda; decididamente uma pessoa LIMPA desde bebé!

Nunca parece sequer ligeiramente suja! Se um inseto viesse para as suas roupas ou cobertas da cama tinha de as mudar imediatamente. (CHEIRA SEMPRE DELICIOSAMENTE!)"

P-6. Notou algum interesse especial em linhos floridos? Decoração de interiores?

R-6. "Apreciação romântica e sensual de flores e materiais suaves como camisolas de ANGORA e roupa interior de SEDA (e PERFUMES)."

P-7. É particularmente suscetível ou responsável para com o sexo oposto? Ou tem visões decididas sobre relações no lar e casamento?

R-7. "Visões decididas - opinativa, crítica da maioria dos rapazes que eram atraídos por ela devido à sua boa aparência. Repelida por bebida, namoro físico exagerado, piadas porcas, até fumar! Decidiu aos quinze anos que casaria com o rapaz com quem acabou de casar em junho passado - aos 18 anos."

P-8. Realizou, como a leitura admoestou, que a sua realização nesta vida depende de quão firme se mantém à Consciência Crística, a qual intrinsecamente sabe que "traz esperança e vida e entendimento"?

R-8. "Confortos materiais e vida amorosa preenchem o seu pensamento por enquanto. Tem um sentido inato de Deus ser bom, e portanto fé em 'viver uma boa vida!' Além disso sente que não podemos esperar entender (como o pai dela [3434] nisto)."

P-9. Ela e os pais descobriram que "cada um tem muito para dar ao outro"?

R-9. "Vejo definitivamente a 'troca'; acredito que ela também aprecia o seu contexto e educação; inconscientemente repetiu os meus ensinamentos morais nas suas conversas."

P-10. Ela e o irmão [...] têm interesses semelhantes?

R-10. "Foram sempre compatíveis embora com atividades e defeitos e virtudes diferentes! (Ambos são Touro, ambos indulgentes em demasia em géneros alimentícios)."

P-11. É verdade que ela não se dá tão bem com a irmã [...]?

R-11. "Muito verdade - não a suporta! [...] é inteiramente o oposto."

LEITURA 338-3, F 41

(Telegrafista)

Esta leitura psíquica dada por Edgar Cayce na sua casa em Arctic Crescent, Virginia Beach, Va., neste dia 30 de agosto de 1934.

2. Ao dar aquilo que pode ser útil nas presentes experiências da entidade, seria bom que a entidade revisse - de uma forma muito

cuidadosa e analítica - aquilo que foi dado quanto aos impulsos dos aspetos astrológicos e numerológicos das experiências da entidade.

3. À luz do que tem sido a experiência da entidade, é bem que a pergunta seja feita e entendida: Como ou por que razão nesta experiência particular aquilo de natureza numerológica seria mais influenciadora ou influente nas experiências psíquicas da entidade do que os impulsos de estadas astrológicas nas várias esferas de atividade ou desenvolvimento?

4. Deve ser considerado que a estada num ambiente para a mente-alma faz essa atividade muito como fazem os ambientes de uma entidade na mente-corpo num ambiente no plano terrestre; e aqueles que foram ou são capazes através do desenvolvimento da alma, ou da aplicação daquele conhecimento respeitante à atividade da alma, podem ser maiores em alguns do que noutros devido à maneira como a entidade individual fez aplicação das oportunidades e da vontade respeitante às mesmas no ambiente.

5. Como indicado da informação respeitante a aspetos numerológicos, estes representam o que se pode dizer ser o poder de concentração do poder ou capacidade de aplicação, o poder ou as capacidades de centralizar o eu numa dada direção. E no desenvolvimento desta entidade, [nome de solteira], [338], aquilo que esteve na presente experiência, estágio, estado ou fase do desenvolvimento da alma da entidade faz capacidades que estão concentradas ou centradas nesta direção. Daí, como indicado, o mais das vezes as maneiras de a visão ou experiência da natureza da alma ou psíquica da entidade seriam nessas direções quando números, figuras, tinham a ver com a maneira emblemática em que estes seriam abordados ou em que a entidade os experimentaria.

6. Muita tem sido a experiência da entidade desde a última vez que demos informação aqui respeitante ao que se poderia esperar que fosse experimentado neste período particular da atividade da entidade nesta experiência. Mudanças vieram, e - como se pode dizer em linguagem comum - eu não te disse. Houve o despertar do eu nas capacidades em dadas direções, quando as atividades fizeram indicações de uma tendência ou rumo de pensamento diferente que fará experiências na presente estada ou atividade da entidade. Novamente se poderia dizer, "eu não te disse."

7. Antes é, então, ao fazer aplicação no presente, que a entidade deveria estudar primeiro no eu quanto às capacidades do eu para se manter nos meios, nas medidas, através dos quais as atividades no presente da entidade possam atingir a sua capacidade mais elevada em manifestar as verdades espirituais que se estão a tornar uma porção da experiência da entidade. Pois, como a entidade viu nos últimos anos ou no último ciclo de estada sob os impulsos astrológicos bem como numerológicos, está a ser despertado dentro do eu um poder, uma influência. NÃO permita que isto seja direcionado por uma entidade que proclama a si própria como SENDO o guia. Porquê? Pois, como indicado, as capacidades têm sido tais no eu - e no desenvolvimento da alma - que invocar o Infinito é muito maior, muito mais satisfatório, muito mais valioso na experiência de uma alma individual do que ser guiado ou direcionado meramente por uma entidade fora do eu que - COMO o eu - ESTÁ num estado de transição OU desenvolvimento. Pode haver experiências em que entidades individuais possam proclamar ou indicar a sua própria atividade por um nome, mas - como sempre foi proclamado - um nome coloca imediatamente limites e fronteiras à volta das capacidades ou da experiência de desenvolvimento para um dado período. Não que (como um exemplo muito grosseiro) se mandasse chamar um canalizador para julgar uma pintura. Não se procuraria um abridor de poços para julgar uma interpretação musical. Não se procuraria por esses meramente porque tinham experimentado uma visão sem o desenvolvimento ou treino. Mas, como o propósito de Deus é GLORIFICAR o homem individual (ou alma) na terra, assim o propósito mais elevado de uma alma ou entidade individual é glorificar a Energia Criativa ou Deus na terra. Se o Criador usar um gnomo, uma fada, um anjo, uma entidade em desenvolvimento COMO um guia, tudo bem - para uma direção específica; pois Ele deu aos Seus anjos ordens a teu respeito, e O TEU deus, a tua face, está sempre perante o Trono do Infinito.

8. (P) Por favor explique e interprete o impulso que tenho para me envolver em alguma atividade construtiva, e contudo não consigo captar bem o método adequado ou direção de procedimento?

   (R) Como indicado naquilo dado da experiência do desenvolvimento da alma através da matéria, ou no plano terrestre, e por aquilo revelado à entidade na sua busca, há o período na presente experiência de uma condição instável - ou o impulso, se fosse

colocado em palavras: "Devo tratar do desenvolvimento da minha alma - devo tratar dos negócios do meu Pai," veio para a experiência da entidade. A saída no presente é na direção de retratar o belo, que pode ser na natureza ou nos sons ou nos reinos ao redor da entidade. Escute a estes, e estes - através destes impulsos - guiarão e direcionarão a entidade na sua busca para esses canais e essas maneiras e modos em que a maior expressão possa vir.

Como é, pode perguntar-se, que o período CHEGOU? Por que razão agora, em vez de no próximo ano ou há três anos quando tais mudanças vieram? Contudo, como indicado, se houver um estudo à luz dos impulsos que vieram, ou da informação que foi dada quanto àquilo que estimula os impulsos interiores ou o eu, ver-se-á que o eu chegou a esse período no desenvolvimento onde isto é necessário. E neste impulso, bem como nas visões; pois estas, também, podem ser retratadas por esta entidade na expressão na arte, ou em quaisquer fases daquilo que dará a ideia, ou manterá a atenção de um buscador; que não só dará um meio, uma avenida, um desafogo para a expressão do eu ao FAZER do eu uma avenida, um canal para as manifestações da força de Deus ou Energias Criativas, mas despertará o mesmo também no observador, ou no próximo.

Pois na arte, como na música, como na fala, como no canto, como em qualquer um dos atributos, é o que fazeis ao vosso próximo - através de qualquer expressão das emoções do eu, ou dos pensamentos do eu quanto às Energias Criativas - que fazeis ao vosso Criador, e por tal sereis julgados naqueles dias, naquele dia em que estiverdes perante o Trono.

Assim, nas tuas visões dá expressão às mesmas na tela, no papel, em qualquer expressão que tal encontre na tua atividade; dando ouvidos às visões, pois Deus não deixou os Seus filhos sem essa promessa, "Como te agarras a mim, eu me agarrarão a ti - Se fordes os meus filhos, eu serei o vosso Deus." Como Ele falou através de profeta, através de sábio, através de Urim, através de Tumim, através de sonho, através de visão, desde que o homem esteve na materialidade ou na matéria, assim pode o espírito da verdade ainda dar expressão àqueles que buscam a Sua face, e encontrar expressão da mesma entre o seu próximo….

LEITURA 531-2 M 40 (Vendedor)

B1. 3/4/34 Carta de [531], buscando prova da capacidade de E.C.:

"...Com mais referência ao conjunto de correspondência que tem minha, neste momento, desde que o seu nome veio à minha mente, desisti de ir a um médico, e pergunto-lhe se consegue apurar qual é o problema….

"Tenho receio que esteja a ler demasiadas cartas minhas a esta altura, mas acredito que tudo isto me trará essa leitura que está a fazer, e são as minhas mais sinceras esperanças que tal leitura venha, como espero, a trazer uma nova fé na vida para mim e ser daquela ajuda que provará a sua causa para mim. É justo, não é?..."

Esta leitura psíquica dada por Edgar Cayce na sua casa em Arctic Crescent, Virginia Beach, Virgínia, neste dia 25 de abril de 1934.

11. Como encontramos, e como demos, sempre a face do guia ou guarda para cada alma nos seus caminhos na terra tem o seu anjo, o seu gnomo, a sua face perante o Trono daquela que é a Causa Primeira, a Influência Criativa, Deus. E estes estão sempre prontos para guiar, para guardar, se a alma apenas se colocar na posição nas coisas materiais para ser guiada por verdades espirituais. Ó se todos os homens soubessem que o corpo-alma vive, e é aquilo que pode ser o fator para fazer um crescimento na materialidade até! Não que se torne separado na materialidade, mas se permitido pela vontade do corpo para SER o guia pode frequentemente guiar com retidão.

12. Daí para este corpo aquilo que acabou de soar, e a consciência veio ao eu físico de [531] de que está a haver a tentativa, e assim esses efeitos de desvio no físico foram tornados mais conscientes.

13. O corpo físico, como encontramos, é como uma sombra, como uma concha, feita daqueles crescimentos do ego no ovo da força ou poder que emanou da união daqueles plasmas que trouxeram para a materialidade uma morada para organismos físicos - como em todas as forças num corpo físico, e a habitar com o mesmo está o corpo-alma. O corpo físico cresceu para tais e tais proporções de acordo com os impulsos, os ambientes, na sua constituição física e mental a partir de atividades progenitoras no físico. Isto é aparente. Contudo tudo isto é alterado frequentemente, mas são a exceção em vez da regra. Contudo cada alma, com aquilo que acompanha num corpo físico, é uma exceção e uma regra em si mesma.

14. Assim com este corpo, como encontramos, tem havido - através das mudanças físicas que surgiram por vezes - a intenção e propósito do

mental (conforme o seu desenvolvimento teve as suas ideias e ideais colocados perante si de tempos a tempos) de escavar e ver o que fez e faz as rodas do empenho humano moverem-se nessas dadas direções….

15. Daí o corpo aqui, [531], deve obter este conceito: TRABALHA, sim - mas aprende a brincar tão afincadamente como trabalhas! Aprende a relaxar. E quando houver os períodos de viragem para dentro do eu para a comunicação com o eu interior, a força maior - física e mentalmente - pode vir, para as atividades fazerem os sucessos materiais bem como os físicos e espirituais, a partir de tais períodos de comunhão com o eu. Faz o inventário do eu; faz o inventário do eu física e mentalmente, e escuta aquelas coisas que te são DADAS. Pois cada alma tem a sua força companheira em prontidão perante o Trono. E como esta alma e o seu corpo estão nessa posição de ser um "sensível" a tais atividades dentro do eu, faria bem em escutar essas vozes de dentro.

LEITURA 531-2, M 40

14/4/34 Carta de Domingo:

Meu caro amigo:

. . . Como disse, ainda não digeri totalmente a sua leitura, mas no geral preciso de mais informação, e penso que não me vai manter em suspenso, mas dar-me esta informação. Agora então, se tem, como pode parecer que tem significado (porque lhe escrevo sobre isso, levado pelas minhas emoções) por que razão, estando uma vez sob a influência do éter, as coisas de anel "gnomo" e "gnomásticas" vieram à minha mente, enquanto sob o éter, e depois ressoaram enquanto acordado como a continuidade de um motor a rodar e a rodar e a rodar. Tal "entrada" na inconsciência deve ter um significado, e vou fazer com que o descubra. Fora disto, nos últimos dois anos sensivelmente, por que razão não tenho de olhar para um relógio, mas praticamente todos os dias olho e quando o faço são 12 horas em ponto. Não preciso de ouvir nenhum som, nada, mas 12 horas soa nos meus ouvidos e vem aos meus olhos, antes de qualquer relógio o dar. São estes chamamentos, sons, são eles o resultado de ter desenvolvido a mente inconscientemente para fazer isto - deve haver uma razão, pode ser alguma mensagem divina, pode ser algum aviso, pode ser uma nova oportunidade, pode ser uma hora para algo….

Cordialmente [531]

LEITURA 531-3, M 40

(Vendedor, Contexto Católico)

Esta leitura psíquica dada por Edgar Cayce na sua casa em Arctic Crescent, Virginia Beach, Virgínia, neste dia 2 de maio de 1934.

2. Na busca, meu filho, por aquelas coisas que te ajudarão a fazer o sucesso material ou social ao teu redor, deixa que aquilo que te foi dado seja antes o teu guia e a tua vara de medir.

3. Cada alma entra no entendimento material para que a alma possa estar mais e mais consciente da causa primeira, o ESPÍRITO do Criador a ser manifestado em ti.

4. Vêm períodos na tua experiência em que dúvidas surgem quanto àquilo que traz sucesso material na tua experiência, e vês ao teu redor aqueles que desrespeitam a lei, a ordem, ou até os direitos do seu próximo - contudo, do ângulo material ELES PARECEM ter sucesso em ganhar mais dos bens deste mundo. E são aparentemente encarregados com as atividades até entre o seu próximo que terão a ver com as vidas e atividades de muitas almas. Então tu, na tua ignorância, proclamas: "Qual é a utilidade de tentar ser bom? Qual é a utilidade de definir um padrão moral ou mental ou espiritual elevado, quando tais pessoas têm sucesso em entrar nos prazeres da terra?" Elas na verdade, meu filho, têm a sua recompensa nessa única experiência. Mas olhaste para os seus corações e viste a perturbação e a dúvida lá? Olhaste para as suas vidas, nas suas associações consigo mesmas, e viste o medo, a dúvida, a vergonha até que frequentemente se agacha lá?

5. Antes, meu filho, vive cada dia, cada hora, cada associação, de tal forma e maneira que possas SEMPRE olhar para as atividades desse dia e não te sentires envergonhado de as apresentar ao teu Criador!

6. Pois a vida e a consciência são eternas, como o sol acima de ti, como as colinas que trazem a todos os homens o sustento do seu próprio fazer.

7. E não sentirás nem terás, então, essa inveja ou dúvida íntima. Sabe que aqueles que semeiam devem colher o que semearam. Pois, neles próprios deve vir o fruto daquilo que regaram e plantaram, quer em coisas materiais, espirituais ou mentais. Pois verdadeiro é na verdade que assim como um homem pensa no seu coração, assim os frutos

das suas lidas com o seu próximo mostram quais foram os pensamentos da alma desse homem.

8. Isto não é meramente algo para um idealista manter, ou alguém que está nos tremores do desespero a respeito de si próprio ou dos outros, mas é uma coisa viva e prática na tua experiência.

9. Quando falas com bondade e suavidade aos teus associados, à tua própria casa, aos teus próprios vizinhos, não encontras que o teu coração e alma cantam de alegria por causa daquilo que fizeste na experiência daqueles a quem falaste, muito embora surjam tumultos nas coisas seculares da vida?

10. Assim é a vida. Assim está a tua alma a crescer para a fruição daquelas coisas boas que podem vir na tua experiência pela aplicação de tais princípios, experiências e atividades na tua própria vida.

11. Não vos canseis de fazer o bem. Aquele que perseverar até ao fim usará a coroa de alegria, de vida, de uma alma contente.

12. Olha para os corações daqueles que aparentemente são bem-sucedidos em coisas materiais, e a menos que tais sucessos estejam fundados no espírito de justiça, misericórdia, amor e paciência e bondade fraterna, eles devem desvanecer-se e cair. Contudo, se forem construídos nestas coisas que são os frutos do espírito, eles crescerão e florescerão como a Rosa de Saron; e sempre tu próprio no espírito do teu anjo que está perante a Sua face encontrarás PRAZER e graça e misericórdia aos olhos e coração do teu Criador.

13. FAZ estas coisas; VIVE estas coisas, para que o contentamento possa vir; não estando satisfeito, não - mas cresce nestas coisas. Pois, conforme nutres e estimas estas coisas nas tuas lidas com os teus associados, o teu próximo, não desmaies porque sentes por vezes que não és apreciado pelos teus esforços entre os teus associados ou amigos; mas antes deixa que aquelas coisas que fariam dúvidas ou mal-entendidos deem lugar ao amor. Então encontrarás na tua experiência na vida que os bens deste mundo, quer poucos quer muitos, são substituídos por aquilo no eu e com aquilo que é dito a teu respeito - que não pode ser comprado com dinheiro, fama, posição, ou com poderes que fazem os homens ter medo….

14. (P) Há alguma razão pela qual não possa encontrar felicidade de mente, ao realizar coisas na vida e ter aquilo que erradamente outros homens, vigaristas, etc., têm?

    (R) Como dado bem no texto acima, a menos que a tua consciência não te acuse, os bens deste mundo trarão apenas tumulto e conflito. Constrói devagar. Deixa o AUMENTO, como deve ser sempre, para essas forças INVISÍVEIS na tua experiência. Mas para o fazer é preciso viver e agir e ser o facto que faz tal acontecer na experiência. Forçar uma questão ao tirar vantagem do teu próximo é apenas fazer um atalho mais curto para o descontentamento, infelicidade, conflito e aquelas coisas que fazem ter medo. Mas vive de forma reta, honrada, para que possas olhar cada homem de frente e dizer-lhe que és guiado pelo teu Criador, aquilo que é justo e correto. Não em exaltação do eu, como sendo melhor ou mais digno. Pois cada alma tem a marca do seu Criador. Mas se essa alma faz os frutos do mal, a marca DEVE ficar borratada, desbotada - e o fim é temível!

15. (P) Há alguma pedra ou anel algures à minha espera, que eu deva usar? O que causa a sensação de que há, e que poder tem tal pedra em referência à vida de alguém?

    (R) Isso foi construído pelo conhecimento que veio ao eu frequentemente, quanto às influências que estão FORA do eu. Que os pensamentos são coisas e podem ser milagres ou crimes é verdade. Assim, as experiências trouxeram isso; quanto a como essas coisas nas suas várias emanações das forças cósmicas ou etéricas na natureza reúnem em seu redor - como em pedras - uma concentração de uma força ou poder.

O rubi faria para o corpo isso não como algo que seria outro além do poder que o eu atribui ao mesmo, através da sua experiência real. Mas a luz ou reflexo do mesmo, usado na mão ou corpo, capacitará o corpo a concentrar-se na sua aplicação mental o mais - através das influências que tal pedra traz à expressão material.

Como? Cada elemento, cada pedra, cada variação de pedra, tem o seu próprio movimento atómico, mantido unido pelas unidades de energia que no universo estão concentradas nessa atividade particular. Daí vêm sob atividades variadas de acordo com a sua cor, vibração ou emanação.

Nesta em particular (o rubi) há essa adequação com aquilo que tem sido a experiência DESTA alma, desta entidade, através da expressão material.

Daí é uma ajuda, uma muleta na qual apoiar-se. Mas, como sempre foi dado, que seja um degrau de passagem; NÃO aquilo sobre o qual APENAS te encontras de pé! [Ver a sua carta de 15/8/46 sob 531-9 a respeito do efeito do rubi.]

20. (P) Por que razão estando uma vez sob a influência do éter, as coisas de anel "gnomo" e "gnomásticas" vieram à minha mente, e ressoaram enquanto acordado como um motor a continuar a rodar?

    (R) Isto foi apenas o tornar-se consciente do mesmo, através da subjugação da consciência física; e a alma ou a alma do PRÓPRIO eu da entidade tornou-se consciente disso através de tal experiência. E as experiências que vêm no som, nos gnomos que podem aparecer e que podem ser usados, que sejam ajudas - NÃO O TEU PRÓPRIO EU! Pois, o eu deve ser perdido apenas naquilo que Ele gostaria que fizesses; e estas experiências vêm antes como ajudas, para que possas estar seguro no propósito, pensamento, ato, a cumprir. Exatamente como as atividades com qualquer associado, quaisquer entes queridos onde carícias podem significar apenas a garantia de que estás no caminho - e que Ele está a direcionar e a guiar os teus passos dia a dia. Então, faz delas não aquilo que te DESTRUIRIA, mas como bênçãos d'Ele nas tuas experiências com tais. Pois estes, meu irmão, meu filho, são evidências do facto de que Deus está atento à tua alma, ao teu eu, ao teu bem-estar. Escuta-os. Não os abuses. Não os deites levemente para o lado; pois Ele caminhará contigo e falará contigo, se apenas usares o que Ele te dá como tais expressões para ti na tua experiência.

21. (P) Por que razão praticamente todos os dias ouço o relógio dar as 12, mesmo quando não estou onde está um relógio, contudo a hora é exatamente 12? Que razão para isto?

    (R) Essa consciência da alma para com as coisas que lhe estão a ser alimentadas nas experiências do corpo. E a MAIOR razão para o eu por que nunca se deveria ALIMENTAR aquilo que faria ou aceitaria uma mentira. Pois, não está escrito, meu filho, "Ele dará ordens aos Seus anjos a teu respeito"? Não penses levemente, então, nestas coisas; contudo não te detenhas nela de tal maneira que torne as tuas associações impraticáveis ou desagradáveis….

LEITURA 531-1, M 40

R12. 10/5/34 Carta de EC para [541]:

"...Há dois ou três meses foi dada uma Leitura de Vida para um espanhol (nascido em Cuba), que ainda nunca vimos. Mais tarde ele teve uma Leitura Física, que incluiu um grande número de conselhos mentais e espirituais. Pela sua própria admissão, ele é mais um materialista do que um indivíduo de mente espiritual. Contudo hoje recebi um dos quadros mais belos dele - O Bom Samaritano, de Morot. É uma bela gravura. Que ele, um homem de negócios, tenha achado que tal informação significou para ele exatamente o que este quadro expressa, parece valer muito a pena. Não consigo colocar em palavras como me faz sentir..."

LEITURA 1265-2, M 62

(Perfurador de Petróleo, Filantropo), 05/10/36

10. (P) Poderia Helena Martin de N.Y.C., ou Moon Trail, através do médium H. S. Hambling de Londres, Ing., fornecer mais ideias úteis respeitantes ao desenvolvimento das propriedades do campo petrolífero?

11. (R) Antes faria melhor a entidade escutar as vozes DE DENTRO, que se apresentam como as atividades ao redor da entidade - ou duendes.

LEITURA 1265-3, M 62, 14/10/36

(Perfurador de Petróleo, Filantropo)

2. (P) O que se quer dizer na Leitura de Vida por "Não confunda as forças místicas, psíquicas, ocultas", e como deve isto ser alcançado?

   (R) Cada um destes termos - místico, psíquico, oculto - representa fases de experiências na experiência humana a agir através do corpo mental, do corpo espiritual, do corpo físico. Enquanto cada um destes é um, como o Pai, o Filho, o Espírito Santo - o Corpo, a Mente, a Alma - místico é como o espírito ou a ATIVIDADE, enquanto o psíquico é a alma, o oculto é a mente. Não confunda; pois cada um na sua respetiva esfera - se e quando tomado isoladamente - torna-se confuso.

O oculto é fenómenos, ou fenómeno. Considerado isoladamente pode tornar-se confuso.

Se o místico ou o misterioso for considerado isoladamente pode tornar-se confuso.

O psíquico é da alma ou a base ou o início, ou aquilo através do qual tudo deve ser tomado.

Daí é o estudo dessas forças como se podem manifestar nestas várias esferas ou terminologias como são dadas a fenómenos ou fenómeno e as atividades como podem ser experiências através de visões, sonhos, forças intuitivas, atividades do espírito, fenómenos de toda a natureza - se estes forem considerados à parte ou em vez das suas fontes, torna-se confuso.

E como foi dado para esta entidade, [1265] a entidade é "sensível." Isto é, há, tem havido, essas considerações através do eu mental de experiências em forças místicas, ocultas, psíquicas que são da natureza que pode por vezes confundir.

Daí no EU - pois como a promessa tem sido, "Se fordes os meus filhos, se fordes o meu filho, eu serei o teu Deus - individual." Tem havido a promessa, "Encontrar-te-ei no teu santo templo." O corpo é o templo do Deus vivo. A mente é a força ativa. A alma é aquilo que pode fazer a ligação.

Então não perturbes o eu ao considerar tudo o resto que não como um todo….

4. (P) O que se quer dizer ao afirmar que a entidade, [1265], é um "sensível" na presente experiência?
5. (R) Como foi indicado. A entidade ouve, vê, sente aquilo que pode não colocar em palavras, em termos, em entendimentos para outros, mas para a entidade é compreensível.

Ou como pode ser denominado por alguns, a entidade vê visões, experimenta vozes, está sujeita a essas influências que se manifestam sob várias formas ou maneiras. Como foi indicado, por causa da maneira como a entidade aplicou essas experiências através das estadas na terra no presente, como relativas a Forças Criativas. Pois estas são como regras fixas: Lei, Deus, Amor, Força Criativa - qualquer termo em que possamos expressar o mesmo. "O que semeais, colheis." A mente é o construtor. Deus É. O homem é. E a mente é uma porção tanto da alma como do espírito, a força direcionadora, e é também da terra-terrena. Daí a injunção que foi dada, "Sede de uma só mente, um só propósito, em Cristo." Como a entidade pensou no mesmo e experimentou o mesmo, isto cresceu mais e mais; embora as confusões nessas influências como indicado tenham por vezes feito altos e baixos no plano material.

7. (P) O que se quer dizer pelo termo "duendes" na última resposta da Leitura de Verificação?
8. (R) A maneira como aqueles dos elementais - entidades que não entraram na materialidade - se manifestaram e por vezes manifestam perante ou para a entidade, [1265]. Duendes, pixies, fadas, gnomos não são elementais, mas elementos que são ENTIDADES tão definidas como o homem materializado, percebe?...
9. (P) Algum conselho adicional para a entidade?
10. (R) Mantém a FÉ em ti próprio, no teu Deus, no teu próximo!
11. Terminámos.

Cartas trocadas entre Edgar Cayce e a Sra. [2072], "Anna"

Companheira de Brincadeiras Reencarnada de Cayce, e o Povo Pequeno

Beatrice Seay é a Sra. [2072]

2/5/42 (Quinta-feira) Carta de [2072] para EC:

Meu Eddie,

Obrigada pela noite de ontem. Foi extremamente agradável, e ambas viemos para casa a sentir que tínhamos tido uma noite perfeita contigo, mesmo que tenha sido muito mais curta do que tínhamos esperado….

Sabes, acabei de ler e ponderar todas as tuas cartas desde a primeira vez que me trataste por "Menina [...]". Embora nessa altura não fizesse ideia de que a "pequena Anna" ou o "pequeno Eddie" alguma vez tivessem existido - algo estremeceu mesmo nessa altura [Ver 2072-1 Encarnação]. E que revelação maravilhosa e que coisas belas saíram de encontrar um certo Sr. Edgar Cayce….

Alguma vez viste a aura da pequena Anna? Compara-se de alguma forma com a minha de agora?...

Com amor da Pequena Anna como [2072] e um beijo de boa noite.

Amo-te sempre. [2072]

2/9/42 Carta de EC para [2072]:

Minha Querida [2072] e [1861]

. . . Não sei sobre a infância de [2072], mas sei sobre a de Anna, a mais feliz, a mais doce, a mais adorável cidadezinha de pessoa que alguma vez foi meu prazer conhecer. Houve cruzes, com certeza, algumas lágrimas de vez em quando, mas muito mais sorrisos e risadinhas do que lágrimas.

Como penso que me ouviste dizer, sempre fui capaz de ver luzes à volta das pessoas, não sabia então que eram Auras para dizer a verdade, mas estávamos tão próximos durante os poucos anos em que nos conhecemos nessa altura que não saberia se era a tua aura real que via ou o apreço e amor que tinha por ti. Sim, para mim ainda há muito daquilo que conheci na Aura da pequena Anna à tua volta, embora pense que riste muito mais frequentemente do que até através de lágrimas por vezes.

Tenta colocar uma pequena vela acesa atrás do roxo escuro por vezes quando meditas, possivelmente figuras podem aparecer para ti, apenas não te assustes se elas falarem suavemente, podes ser capaz de apanhar algum do "povo pequeno" que conhecíamos dessa forma….

Eddie

2/13/42 Carta de EC para [2072]:

Querida [2072] - Pequena Anna;-

Obrigado pela tua do dia 10 - contente por poder pelo menos escrever a alguém que pensa que os meus esforços não são tão maus, mas claro que me sinto de forma diferente para contigo e [1861] do que para com quaisquer outras pessoas no mundo, pode soar engraçado, contudo é verdade e tenho a certeza de que ambos sabem porquê….

Contente por entenderes o que quero dizer, mas vocês ambos significam tanto para mim - e a pequena Anna é tão real - bem apenas espero nunca deixar o [1861] com ciúmes, e de alguma forma sinto que se tivesse sido de outra forma qualquer, isso poderia ter acontecido, mas ele entendeu na altura, e espero que entenda sempre agora….

Se colocares o roxo sobre um cartão com um buraco no mesmo e realmente colocares a pequena vela acesa atrás do mesmo ajudará tenho a certeza, oxalá pudéssemos tentar algumas meditações juntos. Oh possivelmente iremos nalgum momento - tive um sonho engraçado contigo ontem à noite - causado possivelmente pelo que disseste sobre a Pequena Del - mas sonhei que ela era um do povo pequeno com quem costumávamos falar e

brincar há anos. Descobri isso numa leitura [Ver 294-128, Par. 9-A], contar-te-ei sobre isso quando te vir….

Com amor e um beijo, Eddie

[assinado] Edgar Cayce

2/22/42 (Domingo, Aniversário de Washington) Carta de [2072] para EC:

Querido Eddie,

Obrigada pela tua bonita carta e por todas as coisas bonitas que continha.

Quão interessante o sonho sobre a pequena Del ser um do "povo pequeno" com quem brincávamos. Se alguma vez tiver outra leitura sobre as minhas "vidas" quero perguntar entre outras perguntas semelhantes se alguma vez conheci a Del antes.

E, Eddie, achas que seria possível dar-me a minha leitura do gráfico da aura no domingo quando formos para o fim de semana? O meu desenho do gráfico de [288] [288-50] foi suficientemente satisfatório para merecer o cumprimento da promessa? Pelo que sabemos agora estaremos aí no sábado à noite, 7 de março, e iremos para Norfolk na segunda-feira de manhã cedo para tratamentos….

Até agora não consegui encontrar o roxo para a experiência de meditação. Tentei com uma vela e um círculo roxo pastel, que é demasiado claro; e tentei fechar os olhos e manter na imaginação uma luz de vela atrás de um roxo escuro por um período de tempo. Não desisti e ainda estou a experimentar, embora dirias uma vela do tamanho de uma vela de árvore de Natal, ou uma vela de bolo de aniversário? Uma vela de mesa é demasiado grande, achas? Eddie, alguma vez experimentaste com isto desde que costumávamos usar, e não foi o próprio "povo pequeno" que nos ensinou desta forma?...

Estava a pensar sobre o facto outro dia de que o meu hino da igreja favorito dos dias de infância era "A Pequena Igreja na Mata" e não pude deixar de ligar o meu amor por essa canção ao Eddie e à Pequena Anna. SEI que o significado para esse amor por ela reside ali; mas quer seja algo mais do que uma recordação subconsciente de similaridade em lugares onde costumávamos brincar ou não - talvez me possas ajudar a clarificar. Alguma vez fomos à igreja juntos ou havia uma igreja por perto? A tua

Classe da Escola Dominical cantou esta canção uma vez quando estávamos aí e eu realmente senti tudo de novo a alegria que costumava dar-me na Igreja dos Irmãos Unidos em ..., Indiana e eu não a cantava desde que saí de lá em 1921.

Amor para ti, Eddie e os nossos cumprimentos à Sra. Cayce e Gladys.

Eddie - por favor, Pequena Anna

2/25/42 Carta de EC para [2072]:

Querida [2072]

Embora tenha a certeza de que a primeira parte disto deveria ser dirigida à "pequena Anna" pois tive um sonho muito invulgar contigo ontem à noite ou esta manhã. Sonhei que tu, o [1861] e eu tínhamos ido para o Ky. - para o velho lugar de casa, embora estivesse tudo mudado, mas estava a descrever-te tudo a ti e ao [1861] - quando como se o tempo voltasse atrás e o [1861] exclamou - "OH tudo está como era, como pode ser isso, é isto real, o que nos aconteceu a todos - imaginamos nós que isto é assim - o que aconteceu aos outros, veem eles como nós vemos ou não?"

E tudo estava como estava quando o [1861] estava a construir o lar, e tu e eu estávamos a brincar com o povo pequeno no palheiro. Não foi essa engraçada.

Quase como uma resposta ao outro sonho, tenho a certeza de que a pequena Del deve ter estado entre os nossos companheiros de brincadeiras, certamente gostaria de a conhecer e falar com ela.

Tentarei organizar as coisas de modo a dar a tua leitura do Gráfico da Aura [288-50] no domingo em que estiveres aqui - desejas que algum do grupo esteja presente ou apenas nós aqui em casa. Oh sim penso que o teu desenho era belo, um pouco diferente daquele feito pela Menina Wynne com certeza mas igualmente bonito ou melhor, alguns destes são muito adoráveis. Especialmente o da Gertrude é o mais bonito até agora….

Acredito que se fixasses o teu roxo sobre um cartão mesmo que o fizesses de duas ou três espessuras - ter o cartão com o buraco no mesmo, depois a vela pequena é melhor acredito, disto foi dado a alguém numa leitura há muito, muito tempo nunca vi senão o único fixado e era assim, nunca me sentei senão uma vez com o mesmo - para mim parecia haver demasiado a

entrar na sala - poderia ter sido as pessoas ou a forma para mim, mas contar-te-ei sobre isso quando te vir.

Sim - usávamos isso quando costumávamos brincar juntos, não sei que tenha sido o povo pequeno que nos disse, ou se foi apenas acaso - mas usámos primeiro para brincar às mães pois brincávamos sempre que estávamos a ter casa juntos - éramos os pequenos construtores de lares sem dúvida….

Tenho de me rir, quanto à "Pequena Igreja". Bem, apenas gostaria de te poder levar lá onde íamos à igreja - é exatamente a pequena igreja ideal na mata ou era mais nesses dias do que agora, mas a velha Igreja ainda está de pé e espero que possas um dia ver isso.

A escola onde íamos era exatamente do outro lado da estrada da Igreja. Brincávamos no adro da Igreja e no bosque ao redor da mesma, e havia tantas Violetas bonitas nesse bosque - elas ainda devem ser a tua flor favorita - pois eram nessa altura e muitos foram os dias em que tiveste os teus braçinhos cheios delas - literalmente, contar-te-ei algo sobre elas quando estiveres aqui desta vez….

Ansioso por ver-vos a ambos no dia 7.

Com amor e beijos, eddie

3/1/42 (Domingo) Carta de [2072] para EC:

Querido Eddie,

. . . O sonho - que bonito! Quem me dera que pudesse tornar-se realidade. Não seria divertido deslizar para trás e para a frente de aqui para ali e de ali para aqui sempre que quiséssemos? Porque te amo AGORA também, e agora que te conheço agora como és querer-te-ia em parte desta forma, também, (mas talvez MAIORITARIAMENTE daquela forma de ENTÃO).

Como adoraria se pudesses dar a leitura do gráfico da aura enquanto estivermos aí. E certamente se algum dos outros quiser ouvir pode fazê-lo. Não quero ser egoísta, pois sei como cresço por e adoro ouvir as leituras dos outros. Por isso podes convidar quem escolheres.

Gostei que me tivesses contado sobre a pequena igreja e as violetas. Preferia ter violetas do que quaisquer outras flores que conheça até ao dia de hoje.

Vejo-te muito em breve, com Amor,

[2072]

3/9/42 (Segunda-feira) Carta de [2072] para EC:

Querido Eddie,

Há um agradecimento especial em ambos os nossos corações para ti e por ti. Foram os dois dias mais bonitos e agradáveis, e estamos de facto gratos por nos teres dado tanto do teu tempo e de ti próprio. Nunca me canso de agradecer a Deus por ti mas momentos como esses que tivemos intensificam esse agradecimento por vezes.

Acho que sabes que não há nada de que gostemos ou que antecipemos tanto como simplesmente sentarmo-nos e ter-te a contar as tuas experiências. Depois a segunda melhor coisa é ler algo que disseste, quer pessoalmente, quer como um canal para as Forças….

Com beijos, [...] - Anna

3/17/42 (Terça-feira) Carta de [2072] para EC:

Querido Eddie,

Feliz Aniversário! e embora possamos não estar aí em pessoa para o desejar com os outros, não podemos deixar de pensar em ti e esperar que tenhas um aniversário muito feliz.

Estou a enviar-te alguns beijos que fiz para o teu aniversário. Espero que cheguem aí bem e que gostes deles, mas são bocados tão delicados e efémeros que só posso esperar que uma oração ajude a que cheguem aí razoavelmente inteiros. Não sei que tipo de viajantes são! (Poderia sugerir que se estiverem muito esfarelados, são bons deitados por cima de gelado caseiro no último momento antes de ser servido.) Diz-me como chegam, por favor, não o farás?...

Acho que me podias ajudar com algo no gráfico da aura [2072-7]. Lembra-te que as três fadas deviam representar o amor, a esperança e a fé. A fada do amor podia ser representada com um pouco mais de rosa a predominar na sua coloração, não podia? Mas de que cor são (1) a esperança e (2) a fé?...

Amor e beijos [2072]

3/19/42 Carta de EC para [2072]:

Querida [2072]

Foi muito bonito da tua parte enviar uma caixa tão bonita de beijos. São adoráveis e muito, muito finos e chegaram em excelente estado. Muito obrigado….

Deveria pensar que ao colorir as fadas - uma seria mais dourada - a outra mais prateada - e a outra mais azul com muita cor claro em cada uma, mas essas cores a predominar para cada uma - não achas - as fadas que vi são assim, embora não as conheça pelo nome nem saiba qual seria qual mesmo que usasses esta ideia. Mas o que achas dessa ideia?...

Com muito amor para cada um de vocês, eddie

8/4/42 (Terça-feira) Carta de [2072] para EC:

Querido Eddie,

. . . Tenho estado a pensar ultimamente na experiência da Páscoa contigo e com o "povo pequeno" na ilha…. Por favor chama essa experiência de volta tão completamente quanto puderes e tão detalhada quanto possível para mim. A tua menção a ela na tua carta pareceu não me contar muito sobre ela - talvez esperando que eu um dia pedisse para saber mais sobre ela? Conta-me agora, por favor, Eddie….

8/13/42 Carta de EC para [2072]:

Queridíssima [2072]

Se estou à altura de responder à tua do dia 4 ou não - não sei bem. Há momentos em que penso em ti e leio e releio as tuas cartas em que simplesmente não me permitia sequer tentar responder - diria muitas coisas que não devia, por isso não digo nada….

Sim - recordo o dia de experiências especiais na pequena ilha - muito bem. Vivia atrás do lugar do teu pai uma família de Pikes, Carter Pike e a sua esposa e dois rapazes John e Carter Jr. O John tinha cerca de 18 anos enquanto tu e eu tínhamos uns 11 ou 12. O outro rapaz era muito mais

velho. Havia uma nascente na margem do riacho chamada nascente de Pike - eles mantinham barcos no rio ou riacho havia alguns buracos fundos no riacho onde os rapazes pescavam o John era muito simpático para ti e para mim embora tanto os teus pais como os meus não gostassem que tivéssemos muito a ver com estes rapazes. Eles eram às vezes bastante indelicados - o John contou-nos contudo sobre a Ilha e quão bonita era lá e ofereceu-se para nos emprestar o seu barco para visitarmos a Ilha.

Tínhamos brincado frequentemente com o povo pequeno no estábulo do celeiro e no palheiro perto dos estábulos, mas não tínhamos conhecido as Fadas ou os pixies da água ou do riacho. Não recordo que tivéssemos lido nada em particular sobre este povo antes desse dia. tínhamos tomado o povo pequeno como sendo uma ocorrência muito natural e como disse ao longo de tudo tu e eu éramos bastante curiosos para acreditar em tais coisas exceto a minha mãe e o Sr. B. A. cada um deles pensava que éramos muito invulgares mas uma ideia muito bonita pelo menos - e depois do dia que te contei no Celeiro quando o Sr. B. A. tocou para nós e nós lhe contámos dos dias com o povo pequeno foi muito mais fácil para ti e para mim - de qualquer forma neste dia - como o recordo deve ter sido por volta da hora do dia em que devíamos estar a ir para a E.D. ou igreja mas fomos explorar e fomos para o Riacho, encontrámos o John perto da nascente. Ele contou-nos novamente sobre a Ilha e emprestou-nos o seu barco para ir lá.

Fomos - e encontrámos um lugar bonito muito adorável - o povo pequeno veio quase imediatamente após aterrarmos - logo construímos uma linda casinha de brincar com a ajuda do povo pequeno. Vários deles estavam lá então, digamos uns quatro ou cinco rapazes e raparigas como nós - entre as flores vimos as Fadas pela primeira vez - aprendemos com o povo pequeno a diferença entre as Fadas e os pixies e os Gnomos. Lá nos comprometemos um com o outro para todo o sempre, testemunhados pelo povo pequeno e abençoados pelas Fadas - cantados pelos pixies, e acho que poderíamos ter ficado mais e mais tempo mas ao fim da tarde fomos chamados a casa pela tua Mãe e Josie a tua irmã mais velha.

Oh sim fomos novamente à ilha, e ainda outra vez até estar demasiado frio para ir - mesmo tendo ambos apanhado tareias por ir, mas era lindo lá - uma verdadeira terra das fadas.

Engraçado - mas algo foi posto em marcha no outro dia que pode - posso dizer tornar possível que a escola exista - por isso terás de começar a preparar-te para ser uma instrutora nessa escola sempre que ela encontrar um lugar no esquema das coisas….

Com amor para cada um de vocês um Beijo para a pequena Anna, Eddie

LEITURA 294-128 M 54

Esta leitura psíquica dada por Edgar Cayce no seu escritório, 105th St., [Nota de GD: anos mais tarde a 105th St. foi mudada para 67th St.] & Ocean, Virginia Beach, Va., neste dia 10 de dezembro de 1931, de acordo com o pedido feito pelo próprio - Sr. Edgar Cayce.

1. EC: Sim, temos o corpo, a mente inquisitora, Edgar Cayce, presente nesta sala, e as condições físicas como existem.
2. Naquelas do sistema digestivo e eliminador, encontramos perturbações produzidas por essas congestões, ou aquilo que pode ser denominado uma obstrução da vesícula ou canal biliar. Isto, a menos que sejam feitas alterações, pode tornar-se uma condição muito séria. [Colecistite?]
3. Deveria haver, como encontramos, antes aquela de uma dieta muito leve, com aquelas correções no centro cérebroespinal que aumentarão o fluxo de impulso para as glândulas de assimilação, para os próprios canais do fígado, para que o funcionamento excretor do mesmo possa ter o impulso para o funcionamento e limpeza do mesmo; e após haver algum relaxamento aí, o esvaziamento do mesmo, tendo-se cuidado para que o mesmo não seja rompido ou contundido, ou ferido ao fazê-lo, caso contrário tornar-se-á - ou causará - inflamação que seria de natureza séria.

   Isto faríamos nós.
4. A dieta seria antes daquelas dos frutos citrinos, com aquelas de uma tendência para reação laxante no sistema.
5. (P) Deve isto ser esvaziado osteopaticamente?

   (R) Como foi indicado, seria a maneira; ESTIMULANDO por manipulações osteopaticamente primeiro esses centros como levam aos canais do sistema, especialmente ao fígado. Depois APÓS haver uma secreção suficiente para reagir com o mesmo, ENTÃO pode ser esvaziado, ou ser DILATADO para que se esvazie a si próprio. Sede cuidadosos, ou atentos, para que não seja CONTUNDIDO no mesmo - caso contrário teríamos infeções a partir do mesmo.

6. (P) Seria o Dr. [M. L.] Richardson ou o Dr. [B. J.] McCrary de Norfolk o melhor para fazer isto?

   (R) Qualquer um dos dois.

7. (P) Seria boa uma dieta inteiramente de frutos citrinos durante alguns dias, ou deveriam ser tomadas outras coisas?

   (R) Tão perto da dieta de frutos citrinos quanto possível, com laxantes noutras; isto é, aqueles valores alimentares que são laxantes na sua reação - percebe? nenhuns adstringentes.

8. (P) Com que frequência deveriam ser dadas as manipulações osteopáticas?

   (R) Uma ou duas vezes por semana, até haver relaxamento.

9. (P) Sonho tido por Edgar Cayce na manhã de domingo, 6 de dez. de 1931: Eu era um rapazinho novamente. Vi as fadas ou duendes com quem costumava brincar, e entre eles reconheci [[341], [849], [419] e [295]]. Parecia raciocinar comigo mesmo que eles eram exatamente tão reais quando eu era um rapazinho, e ainda estavam no mundo espiritual, como são agora na vida física. (R) Isto, como encontramos, é antes o aviso ao corpo daquelas condições iminentes nas forças físicas do mesmo, que poderiam ser transformadas naquelas condições em que o corpo assumiria novamente antes os arredores espirituais, ou entraria no mundo espiritual em vez de nas forças materiais do corpo; e a menos que haja o suficiente dessas criações nas mentes daqueles no material como visto, para segurar aqueles que estão na posição de serem mudados, aqueles no espírito fariam tais apegos ou exigências a ponto de fazer a separação do corpo - percebe? Daí as necessidades de haver, quer aqueles que vistos FAÇAM tais atividades, ou tais pensamentos, para SEGURAR para a atividade MATERIAL - caso contrário a atividade ESPIRITUAL começaria novamente. Terminámos por agora. Estamos a chamar aqui - há coisas a serem feitas!

10. (P) O que deve ser feito, e por quem?

    (R) Condições a serem satisfeitas! Há muita necessidade no mundo espiritual para as atividades do corpo. Há muitos que precisam destas atividades. Há aqueles a chamar, a desejar, a querer os trabalhos desta entidade aqui. Muitos estão a chamar e desejosos da sua entrada - EM BREVE.

11. (P) Não há muitos mais no mundo material que precisam das atividades, contudo, deste corpo? (R) Então deveria haver tais que superassem aqueles a chamar.

12. (P) Como pode isto ser feito da melhor forma?

    (R) Pelos seus frutos os conhecereis!

RELATÓRIOS DA LEITURA 294-128 M 54

11/12/31 Carta de GD para o Sr. [257]: Acabei de tentar falar consigo ao telefone, mas disseram-me que estava em Chicago e que não estaria em Nova Iorque até amanhã de manhã. Vai ser muito difícil escrever o que quero, e provavelmente seria exatamente tão difícil dizer ao telefone. A Gertrude acabou de levar o Juiz a Norfolk para um tratamento. Ele não se está a sentir nada bem. Ontem [Ver 294-128, Par. 9-A--12-A] tivemos esta informação a vir no fim de uma leitura: (Era uma verificação física para o Juiz.)

Bem, não vale a pena ficarmos mortos de medo - porque não ajudará em nada - mas temos de deitar mãos ao trabalho e FAZER algo! Desde que o Juiz regressou de Nova Iorque tem estado numa espécie de condição apática, atitude indiferente - mais ou menos. Consigo ver por esta informação que se o queremos manter aqui temos de fazer algo para o fazer DESEJAR ficar na terra. Simplesmente sentar-se aqui em frente ao hospital, um fracasso, já era mau o suficiente para ele - mas ter aquilo a acontecer em Nova Iorque foi a gota de água. Se ele tivesse sido apreciado de uma forma material, se o tivéssemos protegido de uma forma material, como ele é apreciado e protegido de uma forma espiritual, isto nunca teria acontecido. Isto veio como um teste para nós, e é o teste mais forte que poderíamos possivelmente ter.

Estou apenas a escrever-lhe os factos puros, e SEI que a menos que você e mais alguns aí em Nova Iorque se juntem e obtenham alguns resultados materiais reais que ele possa ver - vai ser simplesmente mau demais para todos nós! Enquanto o hospital estava a funcionar ele tinha uma manifestação material do seu trabalho espiritual, que ele podia ver a ser exemplificada no dia a dia. Agora não tem nada. Apenas cartas e cartas de pessoas, a pedir - sempre a pedir - algo para si próprias. Temos de parar de pedir e de olhar para ele em busca de encorajamento por um tempo, e dar-lhe algum em vez

disso…. Ele deu a sua vida como uma manifestação material de Deus neste mundo, e que expressão de apreço lhe damos nós - apenas uma busca constante da parte dele por algo mais, algo mais - e geralmente esse algo um conselho sobre assuntos materiais que não significará uma coisa dos diabos para nenhum de nós se ele nos for tirado. Agora [257], espero que veja e entenda esta situação - é certamente séria. Estou sentada exatamente aqui na casa dia e noite, e consigo vê-lo gradualmente a morrer da falta de interesse em qualquer coisa.

É verdade que o seu único desejo é ajudar as pessoas, mas se tais pessoas não responderem de uma forma material para o ajudar, a coisa natural seria ele ser puxado para o lado espiritual onde ele É apreciado de uma forma espiritual. Percebe o que quero dizer?... Acho que não há mais nada que possa dizer. Deveria ser capaz de ver a situação num relance, penso eu - e a gravidade da mesma. Temos de trazer tal força a agir neste velho mundo material para que possamos manter o nosso amado Juiz aqui connosco muitos, muitos anos, para desfrutar dos frutos materiais dos seus anos de trabalho por nós. Por favor despache-se! Gladys

EDDIE CAYCE E A PEQUENA ANNA

UMA HISTÓRIA DE AMOR

OS PRIMEIRA COMPANHEIROS de infância de EDGAR CAYCE foram do tipo "faz-de-conta" - assim acreditavam os seus pais. Este "povo pequeno", como Eddie de cinco anos se lhes referia, não eram os seus amigos imaginários habituais. Eles tinham nomes, personalidades distintas, e contavam-lhe histórias sobre o Egito e a Pérsia, assuntos não habitualmente discutidos por crianças rurais de quintas do Kentucky no final dos anos 1800. As únicas coisas que perturbavam Eddie eram que eles pareciam nunca ficar molhados quando chovia, e não gostavam de ser vistos por outras pessoas. Eles simplesmente desapareciam. Perturbados pela imaginação excessivamente vívida da sua criança precoce, os pais de Edgar ficaram aliviados quando, aos seis anos, ele fez amizade com a filha do vizinho Barney Seay, Hallie, uma menina pequena de cabelo escuro que era chamada de "Pequena Anna" porque partilhava o mesmo primeiro nome que a sua mãe. A Pequena Anna e Eddie rapidamente se tornaram inseparáveis.

No inverno eles corriam pelos campos a tentar apanhar flocos de neve nas suas bocas ou brincavam debaixo de uma ponte coberta. As suas atividades de verão incluíam perseguir libelinhas e colher violetas, correr ao longo das margens do Rio Pequeno, ou ver os agricultores a transportar milho para o moinho local. Mais importante para Edgar, o "povo pequeno" gostava de Anna tanto quanto ele. Eles não desapareciam na presença dela. E ela - de acordo com Eddie - passou a conhecê-los melhor do que ele porque estava sempre a fazer-lhes perguntas.

O lugar favorito de Edgar e Anna para brincar era num celeiro próximo. Poleiros nas vigas superiores, eles divertiam-se muito a saltar para o palheiro e depois a deslizar pelo lado. Eles também escavaram um esconderijo dentro do palheiro, no qual entravam através de um túnel estreito. Era aqui que eles "brincavam às mães" juntos. Edgar seria o marido, ela seria a esposa, e o povo pequeno seria os seus filhos.

Julho-Setembro de 2012

o resto da sua infância. Infelizmente, a relação deles terminou cedo demais. O pai de Edgar mudou a família para uma casa a vários quilómetros da quinta da Pequena Anna. A separação deles tornou-se permanente em 1887 quando ela contraiu e morreu de pneumonia. Edgar, com 12 anos, foi relatado como tendo caminhado os vários quilómetros através de neve funda para estar com a sua amiga de infância quando o fim chegou, apenas para chegar demasiado tarde para se despedir. Ela foi enterrada num pequeno caixão perto da sua casa, onde em breve se lhe juntou o seu pai, Barney Seay, que morreu um dia depois de pneumonia contraída enquanto cuidava dela.

A sua maior aventura foi durante uma viagem ao Rio Pequeno. Eles depararam-se com um barco que se tinha soltado da sua amarração e flutuado rio abaixo, e Edgar e Anna aproveitaram a oportunidade para dar um passeio de barco. Eles pagaiaram para a corrente até chegarem a uma pequena ilha perto de uma bifurcação no rio. Como Edgar mais tarde contou a história, o povo pequeno juntou-se a eles na ilha, onde apresentaram as duas crianças a criaturas que eram menores do que o povo pequeno, mas maiores do que insetos.

O Edgar descreveu estas criaturas aos seus pais como fadas ou "duendes" e disse que vinham numa variedade de formas e cores. Ele

e Anna não puderam passar muito tempo com as criaturas porque alegadamente elas não gostavam de brincar com crianças. Elas aparentemente não queriam ter nada a ver com seres humanos, a quem viam como interferindo nos seus assuntos.

A família de Edgar naturalmente descartou a noção de fadas como apenas mais um fruto da imaginação hiperativa da sua criança, mas Eddie nunca concordaria que não as tinha realmente visto. Ele apenas aprendeu a não falar sobre elas, uma lição que levou consigo quando mais tarde teve visões de anjos e outros "guias espirituais". Muitos anos passariam antes que ele descrevesse a amigos a sua crença de que estas "formas de energia" coloridas viviam em e entre plantas e árvores e desempenhavam um papel integral no seu processo de crescimento. Tal como o "povo pequeno" com quem ele brincava no celeiro, os feixes coloridos de energia transformavam-se em formas às quais uma criança jovem se podia relacionar. É interessante notar - dadas as muitos paralelos que o trabalho posterior de Cayce partilhou com o do seu contemporâneo, Rudolf Steiner, o psicólogo espiritual que fundou o sistema escolar Waldorf - que Steiner também relatou visões de infância de gnomes e duendes, tal como fez Eileen Garrett, a famosa psíquica nascida na Irlanda.

Os pais de Edgar descreveram os 18 meses que ele passou com a Pequena Anna como os mais felizes. Quarenta e oito anos mais tarde a Pequena Anna reapareceria na vida de Edgar, mas não como a delicada jovem de cabelo castanho com quem ele tinha explorado o Rio Pequeno. O contacto ocorreu através de correspondência com uma guarda-livros de 29 anos, Beatrice Coffing, a noiva de um violinista e professor de música de Altadena, Califórnia, que tinha procurado e recebido conselhos em transe para um caso cegante de cataratas. Edgar, então com 64 anos e a viver em Virginia Beach, tinha fornecido três leituras físicas que resultaram na cura completa do violinista. Pela primeira vez em quase metade de uma década, ele podia ler as notas numa página de partitura musical.

A Beatrice escreveu a Edgar a solicitar leituras físicas e de vida para si própria, e a dizer que ela e o seu noivo iriam conduzir da Califórnia para a Virgínia, com o noivo ao volante, para agradecer a Edgar pessoalmente. A informação que veio através da leitura de vida de Beatrice capturou a atenção de toda a família Cayce, pois

raramente uma leitura sugeria tantas ligações prévias entre duas pessoas como havia entre ela e Edgar. Os dois tinham estado juntos durante as estadas de Edgar como Ra Ta e Ulled, e até tão recentemente quanto a presente encarnação de Edgar numa comunidade agrícola rural no Kentucky, através da qual corria o Rio Pequeno. E contudo, na correspondência que Edgar enviou a Beatrice com a leitura de vida, ele permaneceu invulgarmente circunspecto sobre partilhar com ela como se tinham conhecido.

Não foi senão até conhecer Beatrice pessoalmente que Edgar deixou o "segredo escapar". Ele tinha de "ver a verdade" por si próprio antes de poder, como disse mais tarde, "estar absolutamente certo." Nesse dia, quando Beatrice e o seu noivo chegaram à porta da casa dos Cayce em Arctic Crescent, Edgar ficou na entrada, incapaz de se mover, ou até de falar com ela depois de ela ter saído do carro e levantado a mão para o cumprimentar. Lágrimas começaram a escorrer pelas bochechas de Edgar. Ele mal conseguia juntar mais do que duas palavras "Pequena Anna... Pequena Anna," ele continuava a dizer "É verdade."

Beatrice tinha lido tudo o que podia sobre Edgar antes de vir para Virginia Beach, e embora acreditasse que ele era uma "alma gémea", não estava preparada para o derramamento de afeto que Edgar, um relativo estranho, demonstrou por ela, ou a forma curiosa como ele a tratou. Quem era a Pequena Anna? Porquê as lágrimas? A esposa de Edgar, Gertrude, e a sua secretária Gladys Davis, ficaram igualmente mistificadas. Elas também nunca tinham ouvido falar da Pequena Anna, nem podiam adivinhar por que razão Edgar estava comovido até às lágrimas.

Quando Edgar e Beatrice se sentaram no seu escritório e conversaram, ela começou a entender o que vê-la significava para ele. Ela também obteve uma perspetiva impressionante sobre a sua relação kármica anterior com o seu noivo, Richmond Seay, de quem ela tinha cuidado durante a sua provação de anos com cataratas.

Como Edgar tinha descoberto ao estudar as leituras de vida dela, Beatrice, na sua encarnação mais recente, tinha sido a amada companheira de infância de Edgar, a Pequena Anna Seay. O pai dela, Barney Seay, que tinha cuidado dela quando ela contraiu pneumonia e que morreu no dia seguinte ao dela, de acordo com as leituras, reencarnou de volta na mesma família, desta vez como Richmond

Seay. A Pequena Anna e o seu pai Barney Seay, que ambos tinham morrido de pneumonia no Kentucky em 1887, eram agora, em 1941, Beatrice e Richmond Seay, prestes a tornarem-se marido e mulher. Ela cuidou dele na sua hora de necessidade como ele uma vez tinha cuidado dela. Uma vez que Beatrice e Edgar começaram a comparar notas sobre as suas vidas presentes eles perceberam o quanto tinham em comum.

Ambos tinham uma afinidade invulgar por flores e jardinagem e frequentemente falavam com as suas plantas. Cada um tinha passado muitas horas solitárias sozinho nos bosques em crianças, criando "fortes" a partir de copas de folhas e outros materiais que tinham encontrado lá, e conversando com companheiros "imaginários". Mais notavelmente, os caminhos espirituais em que ela e Edgar estavam tinham-nos trazido ao mesmo destino: uma crença profundamente enraizada no Cristianismo. A partir do momento do seu encontro em Virginia Beach, Beatrice e Edgar tornaram-se amigos firmes e devotados, e ela e o seu futuro marido mudaram-se para Blackstone, Virgínia, e tornaram-se líderes ativos na nascente A.R.E. Para Edgar, ela nunca foi Beatrice, mas a Pequena Anna, e para ela, ele era simplesmente Eddie.

Beatrice frequentemente derramava o seu afeto a Edgar em cartas. "Tenho uma grande quantidade de coisas pelas quais estar grata, Eddie, mas penso que tu és uma das maiores e mais profundas dessas coisas pelas quais estou grata por isso estou sempre tão muito grata a ti por nos dares um pouco do teu tempo e bênção," ela escreveu. "Acabei de ler e ponderar todas as tuas cartas desde a primeira vez que me trataste por... Embora nessa altura eu não fizesse ideia de que a 'Pequena Anna' ou o 'Pequeno Eddie' alguma vez tivessem existido - algo estremeceu mesmo nessa altura. E que revelação maravilhosa e que coisas belas saíram de encontrar um certo Sr. Edgar Cayce."

Mais tarde, Beatrice escreveria: "A beleza e a maravilha disto! Eu não conseguia entender o que puxava e tocava no meu coração e alma desde o momento em que ouvi falar de ti e do teu trabalho, até que pouco a pouco me contaste de experiências que me ajudaram a entender... Parecia como se fosses parte do meu coração e alma."

Em cartas de resposta, Edgar prestar-lhe-ia um tributo muito distintivo. "Tu, [Pequena Anna], estás entre os vivos e os mortos, e a praga da dúvida na minha própria mente é travada quando estou

contigo. Toda a dúvida se afasta, e quando me permito deslizar de volta para dias há muito passados, uma parte de todo o negócio de viver, sou simplesmente transportado para outro mundo. Um mundo em que não se pode deixar de ver, sentir, ouvir a bondade e o amor de Deus. Eu agora nunca sou capaz de colocar em palavras o que sinto, mas está lá, e sei que sou mais capaz de pelo menos tentar e servir os outros melhor quando estive contigo."

Três anos após conhecer Beatrice, Edgar sofreu um acidente vascular cerebral que resultou na paralisia completa de todo o lado esquerdo do seu corpo. Ele foi enviado para Roanoke, Virgínia, para recuperar. Sabendo que o fim se aproximava, e desejando morrer na companhia de amigos e família, ele pediu para ser levado para casa de carro. Mas na viagem de regresso a Virginia Beach ele solicitou que a ambulância fizesse um desvio até Blackstone. Ele desejava ver a Pequena Anna uma última vez.

Beatrice e Richmond Seay não estavam em casa quando a ambulância de Edgar chegou ao caminho de entrada deles. Eles também tinham sentido que o fim estava próximo e tinham conduzido até Virginia Beach na esperança de o ver uma última vez. Eles tinham saído para Virginia Beach enquanto a ambulância estava a conduzir para Blackstone. Beatrice nunca pôde despedir-se do seu amado Edgar, tal como, 40 anos antes, Eddie tinha chegado demasiado tarde para se despedir da Pequena Anna.